



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

**ACKSON BERTANY PASCOAL DA SILVA
FRANCISCO ENILTON DA SILVA JUNIOR
FRANCISCO RODRIGO RODRIGUES BRAGA**

**“NO ACENDER DAS LUZES”: O PROCESSO DE ELETRIFICAÇÃO EM DUAS
COMUNIDADES QUILOMBOLAS CEARENSES**

**FORTALEZA
2021**

ACKSON BERTANY PASCOAL DA SILVA
FRANCISCO ENILTON DA SILVA JUNIOR
FRANCISCO RODRIGO RODRIGUES BRAGA

“NO ACENDER DAS LUZES”: O PROCESSO DE ELETRIFICAÇÃO EM
DUAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CEARENSES

Relatório apresentado ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal
do Ceará como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, sob a orientação do Prof.
Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

FORTALEZA
2021

ACKSON BERTANY PASCOAL DA SILVA

“NO ACENDER DAS LUZES”: O PROCESSO DE ELETRIFICAÇÃO EM
DUAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CEARENSES

Relatório apresentado ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal
do Ceará como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, sob a orientação do Prof.
Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

Aprovado em: 31/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor. Ms. Raimundo Nonato de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ms. Bruno Anderson Ferreira Balacó
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora. Dra. Sheila Borges de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

FRANCISCO ENILTON DA SILVA JUNIOR

“NO ACENDER DAS LUZES”: O PROCESSO DE ELETRIFICAÇÃO EM
DUAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CEARENSES

Relatório apresentado ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal
do Ceará como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, sob a orientação do Prof.
Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

Aprovado em: 31/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor. Ms. Raimundo Nonato de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ms. Bruno Anderson Ferreira Balacó
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora. Dra. Sheila Borges de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

FRANCISCO RODRIGO RODRIGUES BRAGA

“NO ACENDER DAS LUZES”: O PROCESSO DE ELETRIFICAÇÃO EM
DUAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CEARENSES

Relatório apresentado ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal
do Ceará como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, sob a orientação do Prof.
Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

Aprovado em: 31/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor. Ms. Raimundo Nonato de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ms. Bruno Anderson Ferreira Balacó
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora. Dra. Sheila Borges de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

AGRADECIMENTOS

Bertany Pascoal

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Osana e Onesito, que me apoiaram de maneira incondicional durante todos esses anos, e nos últimos, muito mais difíceis e dolorosos, apoiaram-me mais ainda. Quero agradecer aos amigos que a Universidade Federal do Ceará me proporcionou: Rodrigo e Enilton, pelos anos de respeito e companheirismo. Ao meu primo e amigo de infância Gabriel Ramos, que me deu suporte material para que eu pudesse continuar realizando as tarefas acadêmicas de maneira remota durante a pandemia quando já não me era possível. Quero agradecer a todos os professores do curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, pelos anos de ensino, atenção e comprometimento. Ao orientador Edgard Patrício, pela prontidão em sempre nos ajudar na produção do trabalho. Também quero agradecer à Dona Pisquinha e Dona Mazé, que nos receberam de braços abertos em Tururu para que pudéssemos produzir nosso podcast. À Dona Toinha, Maria Do Carmo, Sandra e Adaildo Caetano, assim como aos demais moradores de Conceição dos Caetanos e de Água Preta que fizeram esse trabalho possível de ser finalizado.

Francisco Enilton

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela existência. Também, à Nandressa Nobre, minha esposa, que esteve comigo nos momentos mais difíceis. À minha mãe, Maria Ivani, que sempre me apoiou incondicionalmente. Gostaria também de agradecer à Dona Raimunda, mais conhecida como Dona Pisquinha, que nos acolheu em sua casa para a realização do trabalho. Gostaria de agradecer a Sandra Caetano, ao Dean Caetano, a Dona Antônia, de Água Preta, a Dona Bibiu, de Conceição dos Caetanos, a Lettinha, a tia Eurice, ao Deda, ao seu Manel, a dona Maria do Carmo e a todos os demais que tornaram possível a realização do presente trabalho através do compartilhamento das suas experiências de vida. Gostaria de agradecer a Universidade Federal do Ceará, pela experiência no curso de Comunicação Social -

Jornalismo, pela graduação, pelo convívio e por todas as pessoas que tive a oportunidade de conhecer nesse período: professores, servidores, alunos, amigos e etc. Em especial, ao Rodrigo Rodrigues e Bertany Pascoal, que levarei para toda a vida, assim como ao professor Edgar Patrício, que nos orientou nessa etapa da jornada.

Rodrigo Rodrigues

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus por mais essa conquista e à minha família, pelo suporte dado durante toda a trajetória acadêmica. De modo especial à minha mãe, Maria Josinete; meu pai, José Alberto; e minha tia, Juvanete Rodrigues, a “tia Badinha”. Também deixo meus sinceros agradecimentos à minha companheira, Larissa Nóbrega, por todo o carinho, paciência e apoio durante a produção do trabalho. Não poderíamos deixar de agradecer, ainda, à minha avó, a Dona Raimunda; meu avô, Raimundo Madalena; e minha tia, Maria José; pela estadia, compreensão e suporte durante as gravações. Um abraço afetuoso, também, aos companheiros que tornaram possível a produção dos episódios: Sandra Caetano, Dean Caetano, Dona Bibiu e todos os moradores de Água Preta e Conceição dos Caetanos. Ao Edgard Patrício, nosso orientador, pela atenção e zelo em cada orientação, e demais professores, coordenadores e servidores que nos possibilitaram uma graduação rica e construtiva em uma das melhores universidades do País, meu muito obrigado! Finalizo agradecendo meus companheiros, Bertany e Enilton, pelo empenho e comprometimento com as produções na construção do resultado entregue.

RESUMO

A série de podcasts da temporada “No Acender das Luzes”, do Podcast Nós Vírgula, reúne cinco episódios que buscam relatos das comunidades quilombolas Conceição dos Caetanos e Água Preta, localizadas no município de Tururu, região norte do estado do Ceará, em torno de seus processos de eletrificação. Buscou-se relatos que passam por temas como a chegada da energia elétrica, impressões, mudanças de costumes e perspectivas que foram aparecendo nesse processo.

Palavras-Chave: Podcast; Comunidades Quilombolas; Energia Elétrica; Conceição dos Caetanos; Água Preta.

ABSTRACT

The podcast series in the season "No acender das luzes", from the Nós Vírgula Podcast, gather five episodes that search for reports out of two quilombo communities called Conceição dos Caetanos and Água Preta, both based in Tururu, a city in the North region of Ceará, about its electrification processes. We searched for stories that came across such subjects as the arrival of electric energy, impressions felt by it, habit and perspective changes that came along amidst this electrification process.

Key-words: Podcast, Quilombo Community, Electric Energy, Conceição dos Caetanos; Água Preta.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	11
2. JUSTIFICATIVA.....	13
3. OBJETIVOS.....	15
3.1. Objetivos Gerais.....	15
3.2. Objetivos Específicos.....	15
4. SUPORTE ADOTADO: PODCAST.....	16
5. METODOLOGIA	18
6. ESTRUTURA DO PRODUTO: LISTA DE EPISÓDIOS.....	20
7. AS VISITAS.....	22
8. CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27
ANEXO 1 - Roteiro Piloto.....	28
ANEXO 2 - Roteiro 2º EP.....	42
ANEXO 3 - Roteiro 3º EP.....	58
ANEXO 4 - Roteiro 4º EP.....	69
ANEXO 5 - Roteiro 5º EP.....	81

1. APRESENTAÇÃO

O Nós Vírgula é um podcast narrativo de caráter jornalístico que tem como proposta incorporar assuntos do dia a dia cearense dentro de uma perspectiva mais analítica. Alguns assuntos de interesse do projeto são a relação do cearense com a água - fugindo do estereótipo da seca; história da hanseníase no Ceará a partir de narrativas de pacientes do Centro de Convivência Antônio Diogo, em Redenção, que abriga o Memorial “Leprosaria Canafístula”; e, agora, na primeira temporada intitulada “No Acender das Luzes”, falará sobre o processo de eletrificação em duas comunidades quilombolas no interior do Estado.

Utilizando-se de técnicas de *storytelling*, as produções buscam chegar o mais próximo do ouvinte com uma linguagem simples e direta. Segundo Bidarra e Andrade (2016), Storytelling é a arte de combinar o contar uma história com uma variedade de meios digitais: imagens, áudio, vídeo, em diferentes plataformas, como narração de uma história pessoal ou imaginada. A técnica pode ser aplicada, por exemplo, na elaboração de um relato histórico ou de um evento, assim como uma forma de instrução ou de informação. Alguns podcasts que o presente trabalho busca se basear são o Projetos Humanos, a Rádio Batente e o Praia dos Ossos.

Posteriormente à Defesa e eventuais alterações, a série de episódios será publicada em plataformas de streaming de áudio, como Spotify, Castbox, Deezer, etc, por meio do agregador Anchor, em intervalos de 15 dias entre um e outro. Também será utilizado um perfil no Instagram para divulgar as produções e trechos de entrevistas não incorporados nos produtos finais. O objetivo, com isso, é possibilitar maior imersão dos ouvintes e criar uma comunicação mais direta entre produtores e consumidores. A perspectiva é, ainda, que o podcast “Nós Vírgula” continue sendo produzido, mesmo após a finalização do TCC.

A temporada “No Acender das Luzes”, cujos episódios são o conteúdo do presente trabalho, tem como objetivo contar como foi a chegada da energia elétrica e como isso impactou às comunidades de remanescente de quilombo Conceição dos Caetanos e Água Preta, no município de Tururu, no interior do Ceará, através do ponto de vista dos próprios moradores. Por isso, além dos quilombolas, há também a participação de quem não é quilombola, mas mora na comunidade, além de pessoas que vivem nas redondezas, em distritos e até mesmo municípios vizinhos.

Tururu é um município que fica a 119 km de Fortaleza e tem pouco mais de 16 mil habitantes, distribuídos em três distritos: Cemoaba, São Pedro do Gavião e Conceição dos Caetanos. O município tem 192 km², é cortado pelo Rio Mundaú e tem como principal fonte de renda a agricultura familiar e a criação de pequenos animais. A cidade tem duas comunidades de remanescentes de quilombos reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares desde 2004: a Conceição dos Caetanos, localizada no distrito de Conceição, a 13 km da sede, e a Água Preta, localizada a 6 km do centro urbano do município.

A história da comunidade Conceição dos Caetanos se inicia com Caetano José da Costa, que fundou a comunidade com a sua esposa, Maria Madalena da Paz. Os relatos dos moradores sobre o ano no qual tudo começou nos levam para a década de 1880, a partir da compra da terra pelos fundadores (Martins, 2012). Já a comunidade Água Preta se estabeleceu em seu território num período mais recente. Segundo a tradição oral da Comunidade, o primeiro negro a se fixar no território da Comunidade, em 1889, também por meio de uma compra de terra, chamava-se Manoel Camilino Bertoldo, um escravo moçambicano fugido, casado com uma mulher negra da família Tiago, proveniente de uma comunidade chamada Varjota.

Dessa forma, buscamos abordar como o processo de eletrificação foi transformando o cotidiano das duas comunidades. A energia elétrica chegou em Conceição dos Caetanos, oficialmente, por meio de um projeto público municipal, em Agosto de 2001. Mas uma parte da comunidade já tinha acesso por meio de um comerciante chamado Dino, já falecido, que, décadas atrás, conseguiu levar o benefício a alguns moradores perto do centro da comunidade. Só tinha acesso a essa energia antiga quem tinha condições financeiras de puxar de uma casa a outra. Foi apenas em 2004, com o projeto Luz Para Todos, que todos os moradores de Conceição dos Caetanos puderam ter total acesso à energia elétrica.

Já em Água Preta, a energia elétrica chegou em 1996, por meio do projeto São José, que financiava sistemas de eletrificação rural no estado do Ceará até ser substituído pelo Luz Para Todos, no primeiro mandato do governo Lula. O projeto São José, aliás, foi o principal responsável pelo movimento de eletrificação rural no Estado, na década de 90. Um fator interessante foi o da necessidade dos homens da comunidade terem que carregar os postes para Água Preta, nos ombros, devido a impossibilidade dos carros transitarem pela estrada por causa do forte inverno.

2. JUSTIFICATIVA

A proposta inicial do trabalho surgiu a partir de um dos integrantes, Rodrigo Rodrigues, que possui familiares no município de Tururu. Embora já visitasse com frequência a cidade, há bem pouco tempo passou a perceber que ali estão localizadas duas comunidades quilombolas tradicionais cearenses. Daí, veio grande parte do interesse em fazer o trabalho, contando com certa facilidade em contactar os moradores e iniciar as produções do podcast.

Os demais integrantes, Bertany Pascoal e Enilton Junior, ingressaram, posteriormente, pelo interesse no formato escolhido (podcast), amizade mútua e vontade de participar de uma atividade produzida em campo, para além da Capital, Fortaleza.

O processo de eletrificação se tornou a escolha temática pelo fator inovação, pelo menos na perspectiva das próprias comunidades, que geralmente já recebem visitantes - muitos, universitários - para tratar de sua origem, representatividade negra, luta na causa quilombola, etc. Porém, a perspectiva trazida pelo trabalho era considerada nova, principalmente por puxar memórias afetivas dos moradores e a discussão da importância de políticas públicas no desenvolvimento social das comunidades tradicionais a partir de um direito tão básico: o acesso à energia elétrica.

Em dezembro de 2017, o senador Telmário Mota que, à época, era filiado por Roraima ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), apresentou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 44¹. A medida tem o objetivo de caracterizar a energia elétrica como um direito social previsto na Constituição Federal. O texto pretende acrescentar o acesso universal à energia elétrica ao Artigo 6º da Constituição. A PEC recebeu a última atualização em 29 de outubro de 2019, com parecer favorável do relator. Atualmente, segue em tramitação na Comissão de Constituição e Justiça do Senado.

Estima-se que mais de 2 milhões de brasileiros não tenham acesso à energia elétrica. Os dados são do último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de

¹ **PEC estabelece acesso à energia elétrica como um direito social.** 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/12/20/pec-estabelece-acesso-a-energia-eletrica-como-um-direito-social>. Acesso em: 01 ago. 2021.

Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010². Com o objetivo de atualizar essa informação, o Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA), organização sem fins lucrativos brasileira, realizou estudos técnicos, em 2019, nos quais aponta que 990 mil brasileiros estão sem energia elétrica.³

Neste contexto, a temporada “No Acender das Luzes”, do podcast Nós Vírgula, ganha importância ainda maior. Diante da falta de registros oficiais a respeito da história dessas comunidades, a produção entra como parte de um registro através de outros dados oficiais, do ponto de vista de especialistas, mas, sobretudo, por meio da memória dos próprios moradores de Conceição dos Caetanos e Água Preta.

² **Mais de 2,7 milhões de pessoas de brasileiros não têm acesso a energia elétrica.** Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MPYVwKZYtywJ:https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mais-de-27-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-energia-eletrica-revela-censo-2010/n1597368876772.html+&cd=15&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 31/07/2021

³ **Um milhão estão sem energia elétrica na Amazônia, mostra IEMA.** Disponível em: <https://energiaeambiente.org.br/um-milhao-estao-sem-energia-eletrica-na-amazonia-20191125> Acesso em: 31/07/2021

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

- Descobrir, por meio de relatos de moradores das comunidades Conceição dos Caetanos e Água Preta, localizadas no município do Tururu, interior do Ceará, o que a chegada da energia elétrica modificou na vida dos habitantes.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descobrir como a energia chegou às comunidades e quais políticas públicas ajudaram nesse processo;
- Saber quais impressões os moradores de ambas as comunidades quilombolas guardam dessa chegada;
- Descobrir costumes que desapareceram e surgiram no processo de eletrificação e como isso modificou o cotidiano das comunidades;
- Coletar relatos que tratam de comunicação/informatização, como rádio, TV, Internet e como isso mudou a percepção dos moradores com o tempo.

4. SUPORTE ADOTADO: PODCAST

O suporte adotado para o trabalho foi o Podcast, produto do processo comumente chamado de podcasting, nascido no início dos anos 2000. O podcast surge como uma nova mídia que tem base no processo de difusão on-line. (FLORES, 2007) Para Foschini e Taddei (2006), a palavra Podcast surgiu da junção do prefixo “pod” (do termo iPod), com o sufixo “casting”, que vem da expressão inglesa broadcasting (transmissão pública e massiva de informações).

Logo, "O podcasting é um processo midiático baseado em emissões sonoras, que utiliza a Internet como suporte para seu funcionamento e propagação de suas mensagens." (FLORES, 2007, p.16) E os seus produtos, os podcasts, "são programas transmitidos através deste sistema, que tem a Internet como veículo base para sua existência e transmissão." (FLORES, 2007, p.16) Muitas vezes confundido com um produto radiofônico, o podcast se diferencia por não ser transmitido em tempo real (ainda que haja algumas exceções) nem por meio de ondas eletromagnéticas.

Hoje, a popularização dos podcasts anda em conjunto com o aumento do uso de smartphones e do consumo de aplicativos de streaming de áudio, como Spotify, Deezer, Google Podcasts, Apple Podcasts, etc. Espaços onde há não apenas a comodidade de se consumir o produto quando quiser, mas, também, baixá-lo e ouvi-lo offline quando quiser.

De acordo com pesquisa da Associação Brasileira de Podcasters, de 2020, a estimativa é que o Brasil tenha 34,6 milhões de ouvintes de podcast. Ou seja, praticamente 8% da população⁴. O Ceará é o estado do Nordeste com maior participação de produtores, com 6,78%. O mercado brasileiro de podcast está em ascensão: publicado pela Voxnest, o relatório *State of the Podcast Universe* aponta que o Brasil lidera o ranking de países onde a produção de podcasts mais cresceu desde o início de 2020.⁵

O podcast se tornou uma ótima ferramenta jornalística nesse contexto de intensa digitalização e popularização dos apps de streaming de conteúdo. Esses

⁴ **PodPesquisa Produtores 2020-2021**. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf Acesso em: 31 de Julho de 2021

⁵ **“2020 Mid-Year Podcast Industry Report”** Disponível em: <https://blog.voxnest.com/2020-mid-year-podcast-industry-report/> Acesso em: 31 Jul 2021

aplicativos de streaming de áudio possibilitaram aos jornalistas o emprego das técnicas já estabelecidas na produção jornalística para o rádio junto a uma linguagem menos engessada e rígida que a utilizada no jornalismo tradicional (FILHO, 2014 *apud* PEREIRA, MONTEIRO, 2020).

Pereira e Monteiro (2020) perguntam “Por que produzir um podcast jornalístico?” (p.122) e refletem

A resposta para esta pergunta está na própria sociedade. Em tempos de hiperconectividade e mobilidade digital, o jornalismo precisa manter-se ativo nas plataformas onde as pessoas estão, tão logo este atue em favor da sociedade, como afirma Luís et al (2010, p. 7) “O podcasting, contudo, é importante por sua forma diferenciada de distribuição de conteúdo, que permite alcançar o público não apenas via internet, mas também em dispositivos móveis e por assinaturas de feed RSS, o que amplia o alcance da mídia podcast.” (IBIDEM p.122)

Por se tratar de uma prática jornalística sob demanda, o podcast permite ao jornalista produzir pautas independentes e de embate, (VICENTE, 2018 *apud* PEREIRA; MONTEIRO, 2020) com possibilidades de levar o ouvinte a um mergulho profundo em temas que não ganham destaque nas produções midiáticas tradicionais ou trazer debates de pautas quentes, que são divulgadas na grande mídia. Outro fator favorável para as produções jornalísticas de podcast é a construção de um acervo de conteúdos, por meio da distribuição destes em episódios, podendo eles compor uma série com um único tema disposto em vários episódios ou serem episódios independentes, com temas variados. (IBIDEM, p.122,123)

Para os autores, diante do contexto de apropriação dos aplicativos de streaming como ferramenta de produção noticiosa, e não somente musical, os próprios veículos de comunicação tradicionais e portais de notícias lançam novos produtos em formato podcast para alcançar as suas audiências. Isso mostra a necessidade do jornalismo em utilizar o podcast, por meio dos aplicativos streamings, para distribuir o seu conteúdo e alcançar este público móvel e hiperconectado.

5. METODOLOGIA.

A coleta de relatos dos moradores das comunidades se deu por meio de visitas aos quilombos de Conceição dos Caetanos e Água Preta, localizados no município de Tururu. Duas visitas ocorreram em Janeiro e uma em Junho de 2021. A grande pausa entre os meses se deu devido ao recrudescimento da pandemia de Covid-19, nos primeiros meses do ano. Aos moradores dos quilombos foram feitas entrevistas sobre assuntos referentes à chegada da energia elétrica, mudanças relativas a costumes, perspectivas sociais e impressões relativas à comunicação.

Fizemos uso de procedimentos da História Oral. Segundo Cassab e Ruscheinsky (2007), a metodologia da coleta de informações a partir do conceito de História Oral se ocupa em conhecer e aprofundar aspectos sobre determinada realidade, como padrões culturais, estruturas sociais, processos históricos ou laços cotidianos. Os dados para esse encadeamento são obtidos através de conversas com pessoas que, ao relatarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das diversas etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando essas informações pela sua importância na vida dos indivíduos (Cassab e Ruscheinsky, 2007).

A metodologia História Oral busca registrar a memória viva, as emoções, as paixões, as perspectivas peculiares e os sentimentos dos indivíduos das mais origens socioculturais. (CASSAB, RUSCHEINSKY, 2007, p.8)

Outro recurso metodológico que usamos foi a técnica de Entrevista em Profundidade. De acordo com Duarte (2011), o recurso possibilita que o investigador possa obter respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte.

Uma grande dificuldade enfrentada se relacionava com tempo hábil para entrevistas, sendo que chegávamos a Tururu sábado por volta das 10 horas, e voltávamos para Fortaleza por volta das 13 horas de domingo. O tempo curto, somado ao tempo gasto em nos acomodarmos na casa onde montamos base, à procura de fontes e a disponibilidade das mesmas para conceder entrevista foram empecilhos consideráveis. Outro empecilho foi a pandemia de Covid-19, que fez o trabalho ser pausado por meses devido aos decretos de Lockdown.

As entrevistas remotas com os moradores de ambas as comunidades não foram consideradas, pois corríamos perigo de perder grande - se não toda - parte do "feeling" das conversas. A entrevista remota também foi descartada por necessidade

de sermos conhecidos de perto primeiro por várias fontes. Em Água Preta, por exemplo, provavelmente não conseguiríamos a permissão de visita e entrevista com sua principal liderança, a Dona Toinha, se não fosse por meio da ajuda de Dean Caetano, liderança de Conceição dos Caetanos e primo de “Dona Toinha”, que intercedeu e nos acompanhou durante toda a visita. Já a Sandra Caetano, em Conceição, só aceitou conceder entrevista depois de algumas conversas “em off” e de um delicioso café compartilhado.

Em relação às fontes externas aos quilombos - especialistas e jornalistas, por exemplo - foram feitas entrevistas por meio de telefone, usando o aplicativo Anchor, ou breves participações solicitadas por meio de áudios do Whatsapp, com inserções rápidas e objetivas sobre determinado ponto tratado dentro do respectivo episódio.

Também houve coleta de dados via documentos solicitados ao Ministério de Minas e Energia (Relativos ao Luz Para Todos), à Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Ceará (Projeto São José), além de pesquisas em sites jornalísticos que forneciam dados e pesquisas pertinentes a cada episódio em questão.

Para organizar e editar os materiais coletados, nos dividimos em três tipos de tarefa: decupagem de todas as entrevistas, organizadas por eixos temáticos e entrevistados; roteirização e, por fim, edição e finalização. Criamos uma pasta no Google Drive contendo 13 sub-pastas de organizações de arquivos, onde colocamos todo o material trabalhado - todos os membros com acesso. Para edição dos podcasts, usamos aplicativos gratuitos (como Audacity e Oceanáudio) para gravação e equalização, e o Vegas para edição e finalização. A trilha sonora foi retirada de sites gratuitos. Essa opção de edição foi necessária porque ficamos impossibilitados de utilizar as ilhas de edição da UFC, por conta da pandemia. Nossas reuniões também ocorreram em formato virtual, por conta da pandemia. Por vezes, a comunicação era dificultada pelo ambiente on-line, seja pela própria conectividade, estresse, cansaço ou outros percalços do ano pandêmico.

Ao todo, foram mais de 700 minutos de áudios coletados entre moradores das comunidades e especialistas; mais de 20 entrevistados durante toda a produção do podcast. Só de deslocamento, temos cerca de 10 horas, entre Fortaleza e Tururu. O resultado são mais de 3 horas de episódios disponibilizados.

6. ESTRUTURA DO PRODUTO: LISTA DE EPISÓDIOS

Episódio Piloto:

O primeiro episódio da série aborda como era a vida antes da chegada da energia elétrica, trazendo relatos de moradores do quilombo Água Preta, localizado na zona rural do município, além da origem da comunidade onde moram mais de 120 famílias quilombolas. (Aprox. 45 min)

Produção: Bertany Pascoal, Enilton Junior e Rodrigo Rodrigues

Roteiro: Rodrigo Rodrigues

Edição: Rodrigo Rodrigues

Locução: Rodrigo Rodrigues

Segundo Episódio:

A temática do segundo episódio é a chegada da energia elétrica no quilombo Conceição dos Caetanos, localizado na área urbana do município de Tururu. Neste episódio, o enfoque maior são as primeiras impressões dos moradores com a energia elétrica. (44'27")

Produção: Bertany Pascoal, Enilton Junior e Rodrigo Rodrigues

Roteiro: Bertany Pascoal

Edição: Rodrigo Rodrigues

Locução: Rodrigo Rodrigues

Terceiro Episódio:

O terceiro episódio da série debate as principais mudanças dos hábitos familiares ocasionados pelo processo de eletrificação e novas configurações sociais ocorridas no quilombo Conceição dos Caetanos. (31'22")

Produção: Bertany Pascoal, Enilton Junior e Rodrigo Rodrigues

Roteiro: Enilton Juniiior

Edição: Enilton Junior

Locução: Rodrigo Rodrigues

Quarto Episódio:

O quarto episódio traz como foco o surgimento de novas perspectivas comerciais e desaparecimentos de outras atividades após o acesso das comunidades Conceição dos Caetanos e Água Preta à energia elétrica. (34'03")

Produção: Bertany Pascoal, Enilton Junior e Rodrigo Rodrigues

Roteiro: Enilton Junior

Edição: Enilton Junior/Bertany Pascoal

Locução: Rodrigo Rodrigues

Quinto Episódio:

O quinto episódio aborda o processo de informatização das comunidades. Com a chegada da televisão e, posteriormente, com a internet, como os moradores passaram a ter um consumo diferente da informação e como eles lidaram com isso? (34'39")

Produção: Bertany Pascoal, Enilton Junior e Rodrigo Rodrigues

Roteiro: Bertany Pascoal

Edição: Enilton Junior/Bertany Pascoal/Rodrigo Rodrigues

Locução: Rodrigo Rodrigues

7. AS VISITAS

Nossas visitas às duas comunidades foram divididas em três oportunidades. O primeiro final de semana foi nos dias 9 e 10 de janeiro de 2021, quando fomos ao quilombo Conceição dos Caetanos. As primeiras impressões a respeito da comunidade foram curiosidade e vontade de saber mais sobre quem eram aquelas pessoas. Percebemos que os moradores, muitas vezes sentados em cadeiras de balanços nos alpendres, nos observavam sem disfarçar, enquanto passávamos de carro, ou a pé. No entanto, à medida que fomos conhecendo, as barreiras dos estereótipos caíram por terra.

A primeira viagem foi, a bem da verdade, despretensiosa, porque nossa intenção era imergirmos, conhecer novas pessoas, fazer novas amizades e deixar de ser estranhos para eles, para que nossas conversas fossem o mais natural possível. As primeiras pessoas que conhecemos na comunidade foram a Maria Sandra Caetano, 38, e o Valdean Caetano da Costa, 37. Chegamos a Conceição dos Caetanos com a indicação do Eduardo Rodrigues, geógrafo e primo de Rodrigo Rodrigues, que também já pesquisou sobre a comunidade tradicional.

Num primeiro momento, a Sandra nos propôs um café da manhã juntos para confraternizarmos. Já que chegamos sábado, precisamos esperar a manhã do domingo para entrevistá-la e ao Dean Caetano. Para aproveitar o dia de sábado, entrevistamos a Maria Eurice Moreira, de 80 anos, não quilombola e que é tia do Rodrigo Rodrigues. Por isso, já tínhamos mais intimidade. Dona Eurice era dona de um comércio local responsável por vender lamparinas e querosene quando ainda não havia energia elétrica para todos, na comunidade.

No domingo, além de falarmos com a Sandra e com o Dean, também entrevistamos a Lucinete Gonçalves Barbosa Farias, 45, mais conhecida como Lettinha, que é neta da dona Maria Caetano Oliveira, a dona Bibiu, 81, que é uma grande liderança do quilombo Conceição dos Caetanos. Em todos os momentos, utilizamos máscaras de proteção e tentamos manter o distanciamento social. Na maioria das entrevistas, no entanto, os moradores optaram por não usar máscaras.

A Sandra é uma liderança da comunidade e já foi professora da escola local. Ela fala sobre o histórico de organização da comunidade para a chegada da energia e quais suas primeiras impressões a partir disso. O Dean é responsável por manter o museu da comunidade e compartilha sobre a influência de um dos moradores (não

quilombola) nesse processo - o Dino. Já a Lettinha é cabeleireira e relembra as brincadeiras e épocas de farinhada, ainda sem energia, na Conceição dos Caetanos. Em sua fala, Lettinha traz as transformações e como isso impacta na criação dos seus filhos e netos, que já nasceram após o processo de eletrificação.

O segundo final de semana foi em janeiro de 2021, nos dias 30 e 31. Mais habituados com as pessoas, e elas conosco, conseguimos falar com a Dona Bibiu, a liderança histórica do quilombo Conceição dos Caetanos. Ela lembra como eram as cerimônias religiosas no quilombo antes da energia e puxa a influência da igreja na construção da comunidade. Também no sábado, falamos com o Joélio Caetano, um jovem empreendedor que criou, durante a pandemia, uma sorveteria com a mãe. A fonte de renda só é possível graças ao processo de eletrificação. Ele também fala sobre como utiliza a internet em seu comércio.

Vale ressaltar que a entrevista com a dona Bibiu só foi possível graças a intervenção da Sandra. A matriarca, num primeiro momento, se recusou a falar porque estava perdendo suas memórias recentes.

No domingo, entrevistamos o senhor Raimundo Madalena, de 83 anos, que é morador de Itapipoca, município vizinho de Tururu. A casa do seu Raimundo, mesmo se localizando em outro município e tendo seu processo de eletrificação sido totalmente diferente do que foi nas comunidades quilombolas, fica muito próximo aos quilombos - cerca de 20 minutos a pé, ou 5 a 10 minutos de carro. O seu Raimundo é morador antigo e relembra como fez para conseguir energia. Ele compara como foi o processo em relação às comunidades vizinhas.

A nossa próxima visita estava prevista para o mês de março, no entanto, o *lockdown*, decretado pelo governador Camilo Santana (PT) por conta do agravamento da Covid-19 no Estado, nos impediu de prosseguir. Esse hiato forçado só nos permitiu voltar para Tururu em junho de 2021. Agora, tínhamos uma missão clara: precisávamos conhecer Água Preta, a outra comunidade quilombola situada não em Conceição, mas na própria sede, em Tururu.

A visita não poderia ter sido melhor. Água Preta é uma comunidade que fica mais afastada da zona urbana do município. Propositamente mais escondida, até mesmo o Dean Caetano, que nos ajudou a chegar até lá, revelou que é comum errar o caminho, pois passa por uma estrada de terra com várias entradas, todas muito parecidas. Após chegarmos à comunidade, através do intermédio do Dean, falamos com a Antônia, de 61 anos, mas que gosta de ser chamada de Dona Toinha. Ela é

liderança da comunidade Água Preta, professora e criadora de um museu de memórias. Dona Toinha relembra como se deu a chegada da energia elétrica no quilombo Água Preta, em 1996, e traz, em seus relatos, como era a vida sem energia e o que mudou a partir da eletrificação. Durante a visita, entrevistamos Maria do Carmo, de 43 anos, que é filha da Dona Toinha. Ela fala sobre o uso do rádio para consumo antigo exclusivo de informação, comparado com a internet recém-chegada à comunidade. Falamos, ainda, com a Keuryane Lopes, de 13 anos, filha de Maria do Carmo, que aborda, brevemente, suas influências na cultura pop e como isso pôde, de alguma forma, entrar nas manifestações ocorridas no quilombo. Por fim, também entrevistamos o Manel Alves, 58, que traz relatos sobre a antiga TV Comunitária e o consumo de informação por meio do filho, usuário das redes sociais.

No último dia da nossa jornada pelas comunidades de remanescente de quilombo, voltamos a Conceição dos Caetanos e falamos com o senhor José Luis Alves Carneiro, o Deda, de 55 anos, que foi um dos personagens centrais que comandava a eletrificação da comunidade, a não-oficial, assim como a oficial, ocorrida no início dos anos 2000. Ele traz um aspecto político da chegada oficial da eletrificação na comunidade.

E, por último, mas não menos importante, conversamos com o Adaildo Caetano, de 34 anos. Ele é coordenador cultural da Associação Comunitária na Conceição dos Caetanos e fala sobre como o consumo da informação foi sendo modificado ao longo do tempo, trazendo debates sobre representatividade negra, beleza e aceitação de pessoas negras com base em ícones/influencers do momento.

8. CONCLUSÃO

Falar sobre a chegada da energia elétrica, impressões e mudanças causadas no dia a dia das comunidades foi uma tarefa árdua mas bem prazerosa, tendo em vista a limitação causada pelo número de viagens e amplitude de pessoas ouvidas. Abordamos, durante as conversas, a importância que políticas como o Projeto São José, Luz Para Todos e Bolsa Família tiveram nas comunidades.

Pudemos conhecer costumes que desapareceram, impressões interessantes causadas pelas primeiras vezes que os moradores adquiriram eletrodomésticos como geladeira e televisão, indo até a descoberta de como o mundo das redes sociais vem impactando às comunidades. Muitos moradores são exímios contadores de histórias o que, muitas vezes, facilitou nossa tarefa, ainda que, em diversos momentos, as memórias fossem topando nas teias criadas por décadas e décadas de distância.

Relatos como o das histórias de fogueira, dos namoros e paqueras durante velórios, as farinhadas à luz de lamparina, as perspectivas econômicas que foram desaparecendo e surgindo com a chegada da energia, e percepções sobre o mundo da comunicação, desde o rádio até a TV, e a internet, que possibilitou as comunidades o acesso a um melhor autoconhecimento e uma mais eficiente articulação política, foram permeando os episódios da série.

O suporte escolhido para o produto possibilitou-nos captar de uma maneira mais próxima o sentimento e experiência de cada um dos ouvidos ao lembrar do passado com alegria, uma espécie de “saudosismo que é melhor não voltar”, tendo em vista os avanços sociais. Mas, a melhor parte foram os risos arrancados tanto quando o passado era lembrado quanto quando o presente era relatado.

Os relatos reunidos formaram um redemoinho de histórias que nos mostraram a importância desse serviço essencial que é a energia elétrica, ainda com Projeto de Emenda à Constituição em trâmite para que a transforme em direito social.

Comunicamos aos entrevistados que, após a publicação dos episódios, faremos contato e enviaremos o link do podcast nas diversas plataformas onde o conteúdo estará disponível. Também queremos efetuar a compra de dois aparelhos de som simples com entradas para cartão SD, pelos quais poderemos disponibilizar os episódios. Os aparelhos ficarão nos museus de Conceição dos Caetanos e Água

Preta, onde poderão ser ouvidos pelos próprios moradores e por estudantes e outros visitantes que cheguem às comunidades.

Além disso, pretendemos voltar ao Tururu, agora como visitantes. Dean e Sandra nos deram uma data perfeita para uma nova visita: fim do mês de novembro, ali pelo dia 20, para acompanharmos os festejos das comunidades referentes ao dia da consciência negra. E, se tudo der certo, estaremos lá em Conceição dos Caetanos e em Água Preta mais uma vez.

REFERÊNCIAS:

BIDARRA, Íris Daniela Gomes da Silva; ANDRADE, António - **Storytelling como componente do jogo**. In 3.º Encontro Sobre Jogos e Mobile Learning, Porto, Portugal, 7 Maio, 2016. – In CARVALHO, Ana Amélia A... [et al.] (org.) - Atas do 3.º Encontro Sobre Jogos e Mobile Learning. Coimbra: Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, LabTE, 2016. ISBN 978-972-95595-9-4. p. 304-312

CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **BIBLOS**, [S. l.], v. 16, p. 7–24, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/125>. Acesso em: 2 ago. 2021.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Duarte, Jorge, Barros Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011, p. 62 - 83

FLORES, Tábata Cristina Pires. A nova mídia podcast: um estudo de caso do programa Matando Robôs Gigantes. 2014. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4379/1/TFlores.pdf> Acesso em 30 Jul 2021.

FOSCHINI, A.; e TADDEI, R. **Conquiste a Rede: Podcast**. São Paulo: Ebook, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000097.pdf> Acesso em: 31 Jul 2021.

MARTINS, Priscilla Rodrigues. **Conceição dos Caetanos: Memória e Identidade**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, Paraíba. v.2, n1, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ci/article/view/14160>> Acesso em: 01 ago. 2021.

PEREIRA, Alexandre André Santos; MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. A convergência do rádio: o podcast como proposta para o jornalismo em aplicativos de streaming. **Comunicação, Cultura e Sociedade**: Dossiê: "Comunicação, Cultura e seus desafios"., S.C, v. 07, n. 11, p. 117-129, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/4562>. Acesso em: 31 jul. 2021.

ANEXO 1.

Episódio	Piloto
Tema	Chegada da energia em Água Preta
Roteiro:	Rodrigo Rodrigues
Edição:	Rodrigo Rodrigues
Locutor	Rodrigo Rodrigues
Primeira parte: Chegando ao quilombo	
Aviso aos ouvintes: Olá, este é o podcast Nós Vírgula. Pra você aproveitar ao máximo a experiência com o episódio, recomendamos que ouça com os fones de ouvido. Assim, você não irá deixar passar nenhum detalhe. Os episódios desta série foram produzidos no primeiro semestre de 2021, durante a pandemia de Covid-19. Esclarecemos que todos os protocolos sanitários foram seguidos durante as entrevistas.	

<p>Áudio bruto do celular...</p> <p>Alterna entre narração e áudios brutos do celular...</p> <p>Som de água corrente e de animais (áudios 1.2 e 1.3 na pasta).</p>	<p>Sonora do celular quando nós estávamos no carro conversando com Dean. “Lá pra frente é que eu me atrapalho”. 1 - Na Estrada (áudio do celular: 00:16)</p> <p>Narrador: Vamos começar com um exercício. Mas, calma, nada complicado. Sabe aquelas viagens que a gente faz pra casa da avó nas férias? E, principalmente quando moram mais distantes, que a gente passa por quilômetros e quilômetros com mato de um lado e de outro? Além da estrada, dos outros carros, e de passar por uma cidade ou outra no trajeto, você vai ter centenas ou até milhares de postes com fios de um lado e de outro levando eletricidade. Já parou pra pensar quem colocou eles ali? Quanto tempo durou? E como esse pessoal fez pra levar esses postes até aquelas comunidades beem distantes?!</p> <p>Áudio com Dean confirmando que é Tururu (2 - Aqui é Tururu também (áudio do celular: 00:15).</p> <p>Narrador: Tururu é um município do interior do Ceará que tem pouco mais de 16 mil habitantes, distribuídos em três distritos, além da sede, Tururu, que é mais ou menos onde estamos agora. São eles a Cemoaba, São Pedro do Gavião e Conceição dos Caetanos. O município tem 192 km² e é cortado pelo rio Mundaú, que até hoje serve pra pesca de subsistência dos moradores, assim como a agricultura familiar e a criação de pequenos animais. Essas são as principais fontes de renda da região, além dos pequenos comércios locais que vendem água, açúcar, sabão e outras coisas do dia a dia, é claro.</p>
--	--

<p>Nessa parte, deixa Dean falar “estamos chegando” e corta rapidamente pro narrador.</p>	<p>Mas, o que torna Tururu um município especial mesmo é a importância histórica que ele carrega. A cidade conta com duas comunidades de remanescentes de quilombos reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, reconhecimento esse concedido em 2004. Uma delas é a Conceição dos Caetanos. Ela fica localizada no distrito de Conceição. A outra é Água Preta, que fica a 6km da sede. É pra lá que estamos indo agora. (som do carro) Saindo da sede, de carro, a gente leva em média 14 minutos pra chegar em Água Preta, dependendo das condições da estrada, que ainda é de terra batida. Quando fizemos essas gravações, no finalzinho de junho, o caminho estava até bom. A condição piora mesmo durante a quadra chuvosa que, no Ceará, acontece de fevereiro a maio. Para ir andando, que era como a grande maioria dos moradores do quilombo fazia, antigamente, quando iam até à sede para comprar utensílios básicos pras necessidades de casa, o tempo médio levado era de 1 hora. Hoje em dia, com uma melhora nas condições de vida dos moradores, esse mesmo trajeto é feito, geralmente, de moto.</p> <p>Áudio com Dean dizendo que estamos chegando no quilombo (3 - Chegando no Quilombo (áudio do celular: 00:21).</p> <p>Narrador: Esse é o Valdean Caetano da Costa, mas todo mundo conhece ele como Dean. Ele tem 37 anos e é uma das lideranças quilombolas na Conceição dos Caetanos. Como vocês vão perceber, virou nosso guia particular oficial. É ele quem está mostrando o caminho até Água Preta, onde moram alguns de seus parentes. A comunidade quilombola fica localizada no pé de uma</p>
---	---

serra sem nome - acredite, a gente tentou descobrir de tudo que é jeito o nome dessa serra, mas não deu. Na comunidade de Água Preta, vivem 120 famílias, quilombolas e não quilombolas. Só de famílias quilombolas são 85. Com o tempo, a comunidade foi recebendo novos moradores. Pensando numa comunidade quilombola na zona rural de um município do interior do Ceará, você pode imaginar um lugar sem internet, linha telefônica ou até mesmo sem energia elétrica. Esse, decididamente, não é o caso, nós garantimos. Lá, fomos encontrar a dona Toinha, que é prima do Dean.

Áudio com Dean dizendo que estamos chegando no quilombo (continuação).

Narrador: Se você está prestando atenção mesmo, agora deve estar se perguntando: o que quatro pessoas estão fazendo num carro, às 10 horas da manhã, no meio de uma estrada de terra indo pra um quilombo na zona rural de um pequeno município do interior do Ceará, gravando tudo? O grupo é composto por mim, Rodrigo, e outros dois estudantes de jornalismo: o Enilton e o Bertany, além do Dean, o nosso guia. Estamos nesse carro pra tentar responder uma pergunta que até parece simples, mas a gente descobriu mais pra frente que guarda muito mais elementos: afinal de contas, como chegou energia elétrica mesmo ali que, se hoje parece isolado, imagine há duas décadas atrás? O que aconteceu na vida dos moradores, o que se achou e o que se perdeu com a luz? A gente começa a encontrar respostas a essas perguntas nesse primeiro episódio da

<p>Sobe vinheta para transição e início da temática...</p>	<p>temporada “No Acender das Luzes”, do podcast Nós Vírgula.</p>
<p>Segunda parte: Vida cotidiana</p>	
<p>Baixar vinheta...</p> <p>Transição rápida para continuar na fala do narrador...</p>	<p>Narrador: Em dezembro de 2017, o senador Telmário Mota que, à época, era filiado por Roraima ao Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB, apresentou a Proposta de Emenda à Constituição número 44, a PEC 44. A medida tinha o objetivo de caracterizar a energia elétrica como um direito social previsto na Constituição Federal. Se você pensou que já era, errou, hein. De modo prático, seria acrescentado o acesso universal à energia elétrica ao artigo 6º da Constituição, que fala dos nossos direitos à educação, moradia e saúde. Isso por que ainda hoje tem gente vivendo sem tomadas, geladeira ou televisão em casa. Pra gente ter uma ideia, a estimativa é que mais de 2 milhões de brasileiros não tenham acesso à energia elétrica. Os dados são do último censo demográfico do IBGE, realizado em 2010, o que pode não refletir a atual realidade. Pra tentar atualizar isso, o Instituto de Energia e Meio Ambiente, uma organização sem fins lucrativos brasileira, fundada em 2006 e com sede em São Paulo, realizou estudos técnicos, em 2019, nos quais aponta que 990 mil brasileiros estão sem energia elétrica. A história que a gente vai contar não é de pessoas vivendo nessa situação. Pelo menos, não é de pessoas que estão vivendo essa situação hoje. A PEC do senador Telmário recebeu a última atualização no dia 29 de outubro de 2019, com parecer favorável do</p>

<p>Inicia com o som da gente chegando na casa e alterna com o narrador...</p>	<p>relator. Agora, segue em tramitação na Comissão de Constituição e Justiça do Senado.</p> <p>Não sei você, mas pra gente aqui foi até estranho parar e perceber a energia elétrica como um direito social. É algo que parece tão básico porque, no nosso caso, já nascemos num mundo, digamos, eletrificado. Pra dona Toinha, que vamos conhecer logo mais, essa relação é um pouco mais diferente. Ela só teve acesso a essa tecnologia depois de jovem.</p> <p>Áudio com a gente chegando pra conhecer dona Toinha (5 - Chegando na casa (áudio do celular: 00:21 e depois baixa)</p> <p>Narrador: Antônia Lopes de Lima, a dona Toinha, tem 61 anos e é uma das lideranças quilombolas em Água Preta. Ela é professora de Português, mas hoje está aposentada. Aqui no podcast, obviamente, você não vai conseguir ver o sorriso largo no rosto dela. Mesmo usando máscara de proteção, a gente sabia que ele estava lá e pelo jeito que ela nos recebeu, você deve imaginar, né!? Aliás, todos nós ficamos usando máscara e os aparelhos que usamos nessa e nas outras entrevistas foram higienizados com álcool antes e depois de cada conversa. Quando visitamos a comunidade de Água Preta, o município não estava em lockdown por conta da Covid-19, o que possibilitou nossa viagem.</p> <p>6 - Apresentação (00:32)</p> <p>Narrador: Quando veio morar no lugar de origem dos pais, dona Toinha já tinha 19 anos. Hoje, em Água Preta,</p>
---	--

<p>Ao fim da fala, tocar áudio com transição rápida.</p> <p>Aqui, entra o som da entrevista com perguntas e respostas. Depois, já inicia o segundo áudio antes da intervenção do narrador.</p>	<p>ela é responsável por guardar objetos e histórias que carregam a origem da comunidade, missão que começou a partir de um presente da mãe. Foi lá no museu que eu, Enilton, Bertany e o Dean conversamos com ela.</p> <p>7 - Falando da lamparina e museu (01:22)</p> <p>Narrador: Um desses objetos é justamente a lamparina. Ela tava sempre ali, exposta numa prateleira bem de frente pra porta de entrada. Meio velhinha, desgastada pelo tempo, mas ali. A lamparina é uma pequena lâmpada que fornece luz de pouca intensidade, composta de um reservatório para líquido combustível (azeite, querosene ou, como descobrimos, óleo de mamona). Neste local se mergulha um pavio que transpassa uma pequena rodela de madeira e se acende na outra extremidade. É justamente esse o objeto que forneceu, durante muito tempo, antes da eletrificação na comunidade, a iluminação durante a noite. Geralmente, cada casa tinha uma, que era colocada no canto mais alto pra iluminar o maior espaço possível.</p> <p>8 - Como usavam a lamparina em casa (04:29)</p> <p>Narrador: Esse que vocês estão ouvindo ao fundo é o Enilton. Ele quer saber se já aconteceu algum acidente por conta do fogo. Afinal de contas, fogo e criança não é uma combinação muito recomendada não.</p> <p>9 - Acidente com lamparina (00:31)</p> <p>10 - Seu Manel se apresentando (00:15)</p>
--	---

Sobe som de transição longa para mudança do tema.

Narrador: Agora vocês tão ouvindo a gargalhada do Manoel Alves Tiago, de 58 anos, o seu Manel. Aliás, assim como dona Toinha, ele sempre mantém o sorriso estampado no rosto. Ele é aposentado como agricultor, profissão que exerceu durante toda a vida.

Segue com seu Manel / 11 - Coisas que sente falta (00:59)

Assim que iniciar a falar, apresentar o Bertany (Narrador: esse que tá fazendo a pergunta é o Bertany).

Finalizar áudio

Narrador: A energia elétrica só chegou mesmo em Água Preta em 1996, a partir do Projeto São José, da Secretaria de Desenvolvimento Regional do Ceará. Essa iniciativa foi, inclusive, a principal responsável pelo movimento de eletrificação rural no Estado, na década de 90. Para gente ter uma ideia, a estimativa é que, em média, apenas 30% das residências rurais fossem eletrificadas, em 1994. Em 98 esse número subiu para 53%; em 2000, para 60% e, em 2002, para 80%. Os dados são da pesquisa Cadeia Produtiva da Energia Elétrica no Ceará, do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, o Ipece, coordenada por Jair do Amaral Filho e publicada em 2004. Ao todo, o Projeto São José financiou cerca de 106 mil ligações nas áreas rurais. Com a criação do programa federal Luz para Todos, em 2004, o Projeto deixou de financiar a eletrificação rural.

<p>Transição rápida entre uma fonte e outra.</p>	<p><i>Dona Toinha sobre chegada dos postes / 12- Chegada dos postes à comunidade (01:23)</i></p> <p><i>Manel inicia falando sobre a chegada / 13 - Chegada da energia de baixa tensão (03:05)</i></p> <p>Narrador (quando inicia a fala): Ele perdeu a esposa em 1996 e ficou cuidando dos dois filhos. Por isso, o pessoal da comunidade meio que dava um descanso desse tipo de atividade, justamente pra ele cuidar dos dois meninos, que ainda eram muito pequenos, na época.</p> <p>Narrador (quando fala da fazenda): Bem perto da comunidade, tem uma fazenda bem grande. A gente dá de cara com ela logo na entrada do quilombo.</p> <p>Narrador: Pra gente entender como funciona esse processo todo desde a colocação dos postes na rua até realmente chegar luz na casa das pessoas, fomos conversar com o Igor Holanda. Ele é engenheiro eletricista e explica o passo a passo até chegar energia em uma casa. <i>(Engenheiro Elétrico explicando o processo)</i></p> <p>Narrador: Logo no começo, os postes funcionaram apenas para iluminação das ruas. Mas pouco tempo depois, animados com a ideia, os moradores conseguiram puxar a eletrificação para suas casas.</p> <p><i>Dona Toinha sobre a chegada e relação política / 14 - Política (01:38)</i></p>
---	--

Narrador (quando fala “época política”): Essa proximidade entre os projetos que entravam na comunidade - mesmo vindo do âmbito estadual, e a política local é uma relação que a gente percebeu de maneira muito forte. Isso acontece tanto em Água Preta como na Conceição dos Caetanos.

Manel falando sobre como conseguiu energia pra sua casa / 15 - Chegada da energia e política (02:29)

Narrador: Sei que parece fácil, agora, olhando de fora, a gente julgar a atitude tanto do seu Manel como de outros moradores que aceitaram essa, entre aspas, ajuda em troca de seu voto. Mas é preciso entender as condições da época. A população rural em geral tinha pouco acesso a serviços básicos de saúde, moradia e trabalho adequados, o que favorecia esse tipo de exploração política. É o que a gente chama de clientelismo, quando há uma troca de serviços ou bens por apoio político. Só pra você ter uma ideia dessa situação de vulnerabilidade que estamos falando. Em 1992, 54,3% da população rural do Ceará estava abaixo da linha de pobreza. O percentual diminuiu, no decorrer dos anos, para 51,1% (em 1996), 44,6% (em 2001) e 29,5% (em 2007). Isso significa que a pobreza rural cearense era maior no início da década de 1990 e foi diminuindo, principalmente por conta dos projetos sociais implementados pelo Estado brasileiro. Os dados estão no trabalho “Análise das Causas Socioeconômicas da Pobreza Rural no Ceará”, publicado em 2010. É nesse contexto que seu Manel lembra como chegou energia na sua casa. Se ainda hoje é comum aquelas trocas de favores por votos, imagine

Sobe transição longa para mudança de tema.

	há mais de 20 anos atrás? Ao longo da temporada, vamos nos aprofundar mais nessa questão.
Terceira parte: Histórias de fogueira	
<p>Baixa música...</p> <p>Inicia com som de fogueira, bem baixo...</p> <p>Sonoplastia com ruídos que remeta à histórias de terror e natureza (serra)...</p> <p>Transição mais lenta para mudar de fonte, mas dentro do mesmo assunto...</p>	<p>16 - Maria do Carmo se apresentando.mp3 (00:17)</p> <p>Narrador: Lembra quando dona Toinha disse, logo no começo do episódio, que quando veio do Pará tinha dois filhos? Um deles é Maria do Carmo. Ela está à frente da Associação Comunitária de Água Preta e passou toda a infância brincando à luz do luar, como ela mesmo fala.</p> <p>17 - Maria do Carmo / Histórias de fogueiras (02:06)</p> <p>Narrador: E olha que a comunidade fica literalmente no pé da serra. Agora, imagine aí você criança ouvindo isso ao lado de uma fogueira à luz do luar.</p> <p>18 - Dona Toinha fala sobre como era a fogueira e mudança nos hábitos (01:28)</p> <p>19 - Maria do Carmo sobre mudanças de hábitos (00:40)</p> <p>Narrador: Quem tava ali do lado só prestando atenção era a Keuriane, filha da Maria do Carmo.</p> <p>20 - Apresentação da Keuriane (00:14)</p> <p>Narrador: Ela concorda que as coisas realmente mudaram, mas, pra ela, isso não é problema não. Mesmo</p>

<p>Transição rápida para introduzir fala sobre o mesmo assunto...</p> <p>Transição para troca de tema...</p>	<p>muito tímida, Keuriane contou pra gente um pouquinho do que gosta e, como toda jovem de 13 anos, está atendida nas redes sociais.</p> <p>21 - Estilo musical</p> <p>Tocar um trequinho da música https://www.youtube.com/watch?v=X-jo_UJ85YM</p> <p>Narrador: Keuriane também participa de projetos artísticos de danças afro dentro da comunidade. É pelo whatsapp mesmo que ela marca os ensaios e combina as apresentações.</p> <p>22 - Keuriane falando sobre o bregafunk (00:08)</p> <p>Tocar mais um trequinho da música e ir baixando pra fazer a transição https://www.youtube.com/watch?v=X-jo_UJ85YM</p> <p>Narrador: Keuriane está nesse grupo dos que já nasceram após a eletrificação na comunidade. O acesso à informação por meio da internet já parece bem incorporado ao seu cotidiano. Já pro seu Manel, esse processo é bem diferente. Ele mesmo diz que não gosta muito dessas tecnologias novas não.</p> <p>23 - Seu Manel falando / Quando não tinha energia eu achava era bom (01:53)</p> <p>24 - Dona Toinha / O que morreu com o tempo (02:12)</p>
--	--

Finalizar o Episódio	
<p>Sobe música ao fundo para finalizar com a narração e desce na entrada da fala.</p>	<p>Narrador: É natural que haja uma visão até um pouco saudosista desse tempo, quando era mais comum, segundo Maria do Carmo, dona Toinha e até mesmo seu Manel, ver os vizinhos se reunirem ao pé da fogueira para contar histórias e passar ensinamentos. Não que isso não exista ainda, afinal de contas, a comunidade tem apenas 120 famílias, onde todos se conhecem. Mas as coisas, aos poucos, foram mudando e essa modernidade representada por celulares, televisão e internet vão se tornando parte da vida cotidiana. É como eles mesmos falam: a vida melhorou. Mesmo diante de todas as limitações, o acesso à serviços básicos como água e luz se tornaram mais presentes na zona rural cearense. E, com isso, é natural que alguns costumes surjam e outros acabem se tornando menos comuns. Mas a locomotiva da vida é assim mesmo, tudo em constante mudança. Como dizia Clarice Lispector, pra gente finalizar com uma frase meio vibe Facebook: “Só o que está morto não muda”.</p>
<p>Sobe música.</p>	<p>No próximo episódio da temporada, vamos falar sobre a chegada da energia elétrica lá no quilombo Conceição dos Caetanos, costumes que acabaram desaparecendo e novos hábitos que surgiram. Esse episódio foi produzido e publicado por Rodrigo Rodrigues, Bertany Pascoal e Enilton Junior, estudantes sob orientação do professor Edgard Patrício. A narração é de Rodrigo Rodrigues e os documentos e trilha sonora utilizados estão na descrição do episódio, se você quiser se aprofundar</p>
<p>Sobe música e finaliza o episódio com os créditos.</p>	

	<p>em algum ponto específico. Este é apenas o primeiro da série de episódios “No Acender das Luzes”, que faz parte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social - Jornalismo, pela UFC. Esperamos que vocês tenham gostado e sigam ligados nos próximos episódios.</p>
--	--

Anexo II.

Episódio	Segundo
Tema	A chegada da energia em Conceição dos Caetanos
Roteiro	Bertany Pascoal
Edição:	Rodrigo Rodrigues
Locutor	Rodrigo Rodrigues
Primeira parte: Apresentação	
<p>Aviso aos ouvintes: Olá, este é o podcast Nós Vírgula. Pra você aproveitar ao máximo a experiência com o episódio, recomendamos que ouça com os fones de ouvido. Assim, você não irá deixar passar nenhum detalhe. Os episódios desta série foram produzidos no primeiro semestre de 2021, durante a pandemia de Covid-19. Esclarecemos que todos os protocolos sanitários foram seguidos durante as entrevistas.</p>	
	<p>1 - Sandra contando a história da primeira vez que viu o telefone público (cortar interlocutor - 2:15)</p> <p>Narrador (logo no início): Essa que vocês estão ouvindo é a Sandra Caetano. Ela tem 38 anos e é uma</p>

Fica alternando entre a fala da Sandra e a apresentação do narrador.

Trilha sonora com orelhões tocando baixo em alguns momentos.

liderança e professora quilombola no Tururu, um município no interior do Ceará (continua com Sandra).

1 - Sandra contando a história da primeira vez que viu o telefone público (cortar interlocutor - 2:15)

Narrador: Não sei se vocês estão familiarizados com esses telefones públicos que a Sandra falou. São os famosos orelhões, chamados assim justamente pelo seu formato, de orelhas gigantes, obviamente. Os aparelhos foram inventados pela engenheira Chu Ming Silveira, que nasceu na China e se naturalizou brasileira, e foram implantados no Brasil ainda na década de 1970. Com o avanço da tecnologia e popularização dos celulares, no entanto, vêm se tornando cada vez menos utilizados, embora você ainda consiga ver um ou outro na rua. Isso porque, segundo dados de 2019 da Agência Nacional de Telecomunicações, a Anatel, o Ceará ainda possui cerca de 35 mil orelhões instalados. Desses, cerca de dez mil ficam em Fortaleza. Só pra você ter uma ideia, em 2009, esse número era 30% maior. Eram 50 mil orelhões em todo o Estado, sendo 21 mil na Capital.

Não é surpresa que a Sandra ainda lembre com tantos detalhes essa experiência. Afinal de contas, a chegada dessas tecnologias, principalmente nos municípios do interior do Ceará, gerou um verdadeiro rebuliço. No episódio anterior do Nós Vírgula: temporada “No Acender das Luzes”, a gente acompanhou o processo de eletrificação no quilombo de Água Preta, que fica a 6km da sede da cidade de Tururu, e já tivemos um gostinho disso que a gente tá falando agora. Se você ainda não ouviu esse primeiro episódio, sugiro que pare um

<p>Sobe vinheta para início do episódio...</p>	<p>pouquinho aqui e corra lá pra conhecer a dona Toinha, o seu Manel e a Maria do Carmo. Além da chegada da energia, eles falam sobre costumes que não são mais tão comuns hoje em dia e que fazem falta na vida deles. Agora, no segundo episódio da temporada, vamos acompanhar o processo de eletrificação em Conceição dos Caetanos. Vamos perceber como a vida dos moradores foi mudando com a chegada da energia.</p>
<p>Segunda parte: Chegada ao quilombo e história da energia antiga em Conceição</p>	
	<p>2 - Chegando ao município (00:16)</p> <p>Narrador: No dia 9 de janeiro de 2021, fizemos a primeira viagem ao município de Tururu, localizado na região Norte do Ceará. A cidade tem pouco mais de 16 mil habitantes, distribuídos nos distritos de Cemoaba, São Pedro do Gavião, Conceição e a sede, Tururu. Esse barulho que vocês estão ouvindo agora é de crianças brincando num campinho de futebol que fica em uma pracinha bem na entrada do município 3 - Barulhos da praça (ao fundo). Como chegamos em pleno sábado de manhã, com o céu meio nublado, sem aquele solzão quente, tinha muita gente ali conversando ou praticando alguma atividade física.</p> <p>4 - Parando pra tirar foto (00:08)</p> <p>Narrador: Fazem parte da equipe que produziu o podcast eu, Rodrigo, o Enilton e o Bertany. Somos</p>

estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Ceará e este projeto faz parte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso. Eu já conhecia a cidade. Afinal de contas, minha mãe nasceu em Tururu e meus avós ainda moram lá. Aliás, ficamos hospedados na casa da minha avó, a dona Raimunda, ou Pisquinha pros mais próximos. Ela mora com minha tia, a Maria José, minha prima, Letícia, e meu avô, Raimundo Madalena, que vocês vão conhecer mais pra frente. Quando chegamos à cidade, paramos rapidinho para tirar algumas fotos e logo avisamos minha tia, pelo whatsapp, que estávamos a caminho.

5 - Tia perguntando se foi tudo bem (00:02)

Narrador: A Conceição dos Caetanos, que é nosso destino principal para a produção desse programa, e onde vamos tomar banho, almoçar e dormir, na casa da minha avó, fica a quase 13 km da sede, que é onde estamos agora. De carro, levamos apenas 15 minutos da sede para a comunidade. A estrada que pegamos para chegar ao quilombo foi recém asfaltada, o que ajuda muito, né?! **Som de carro na estrada de novo.**

Narrador: Foi só o tempo de chegar mesmo. Apesar de não serem quilombolas, nossos anfitriões moram a poucos metros da entrada do quilombo de Conceição dos Caetanos, que é cortado pela rua principal de onde viemos. A casa onde ficamos é bem aquela de vó mesmo: tem o alpendre onde é possível armar redes, cachorro por todo lado, fogão à lenha, além de horta, pé de seriguela, limão e uma infinidade de frutas. A trilha sonora fica a cargo das galinhas e patos, ou uma moto

ou outra que passa na estradinha de terra **Som de barulho do terreiro.**

Como ficam a poucos minutos da rua, que é como eles chamam o quilombo, já que lá tem a praça, a igrejinha e a maior parte dos comércios, nossos anfitriões conhecem praticamente todo mundo na Conceição. Então, após uma conversa rápida, minha tia nos indicou o nome da Sandra Caetano, liderança do quilombo e professora da escola da comunidade. Diga-se de passagem, a Sandra é uma simpatia em pessoa, vocês vão notar.

6 - Sandra se apresenta (01:00)

Narrador (assim que ela começa a falar): Antes da Sandra aceitar gravar a entrevista com a gente, ela nos propôs um café da manhã na casa dela, onde mora com o filho e o esposo. Nessa primeira conversa, ainda no sábado de manhã, apresentamos nossa ideia e já deixamos tudo acertado pro dia seguinte. Pra falar a verdade, a gente queria conversar com ela logo ali. Afinal de contas, teríamos que voltar à Fortaleza já no domingo. Era assim, a gente chegava no sábado e já arrumava as coisas pra voltar no domingo. Nesse entretanto, conseguimos uma entrevista com outra moradora, mas só vamos apresentar ela mais pra frente. Quanto à Sandra, não tinha o que fazer, era esperar mesmo...

**Baixa som e coloca
transição da noite.
Depois, som do galo
cantando...**

Narrador: Agora sim. Depois de um café da manhã reforçado, um pãozin com ovo 'só o filé', conseguimos conversar com a Sandra.

**Baixa som e coloca
transição para seguir
com tema.**

7 - Sandra explicando divisão do Tururu (00:31)

Narrador: Tururu foi elevado à categoria de município a partir da lei estadual número 11.334, de 19 de junho de 1987. Antes, a cidade era apenas um distrito de Uruburetama, município que mantinha uma relação muito forte com os moradores tanto da Conceição como das outras localidades de Tururu. Isso é importante pra gente entender porque alguns serviços básicos, como a energia elétrica, ainda não haviam chegado oficialmente na comunidade quilombola.

8 - Sandra falando sobre relação com Uruburetama (00:47)

Narrador: O primeiro projeto de eletrificação na comunidade que a gente conseguiu apurar aconteceu somente em agosto de 2001. Bem perto da igreja no centro do quilombo, escondida entre alguns galhos e uma cerca de madeira e arame, a gente conseguiu achar uma placa de inauguração do Sistema de Eletrificação Rural do Distrito de Conceição. Conseguimos achar, não né?! Foi o Dean Caetano, nosso guia oficial, que vocês já conheceram no episódio passado, que nos mostrou. Nessa placa, a inauguração está datada de 2 de agosto de 2001, e lá no finalzinho traz o nome do ex-prefeito de Tururu, José Galdino Albuquerque, à época filiado ao Partido Social Democrático, o PSD. Ele foi eleito em 2000, com 4.105 votos, e conseguiu a reeleição no pleito seguinte, ficando no cargo até 2008. Esse é o registro do primeiro projeto mais amplo de eletrificação na comunidade. Falo registro do primeiro projeto porque,

**Sobe transição
lembrando túnel no
tempo...**

como vamos ver mais pra frente, algumas residências puxavam energia de uma casa pra outra. Pelo que conversamos com os moradores e com base em algumas pesquisas, há registros de casas eletrificadas já na década de 1970. Eta, que agora parece ter confundido tudo. Então, vamos com calma. Antes de pular pra essa parte, vamos a alguns esclarecimentos.

Narrador: A família Caetano se fixou no território de Tururu nos anos de 1880, com a compra de um lote de terra por José Caetano da Costa e sua esposa, Maria Madalena da Paz. Até a década de 1950, a comunidade era formada, basicamente, pela mesma família. Só pra ilustrar aqui: a Sandra, por exemplo, é prima do Dean, que é primo da dona Toinha, lá de Água Preta.

9 - Alex inicia falando do quilombo

Narrador: Esse que vocês estão ouvindo é o professor, geógrafo e doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, Alex Ratts. No mestrado, ele pesquisou a comunidade quilombola cearense. A gente conversou com ele por telefone.

10 - Alex falando sobre o histórico de desenvolvimento da comunidade (02:05)

Narrador: A dona Bibiu, a que o Alex se referiu agora, é bisneta do fundador da comunidade - e mãe adotiva da Sandra. Ela já está com a idade bem avançada e tem uma certa dificuldade em lembrar de algumas coisas, mas conseguimos conversar com ela. Durante essa temporada, ela vai aparecer por aqui. Fiquem ligados!

11 - Alex falando sobre mudanças na comunidade**(00:41)**

Narrador: Lembra quando falamos que, até a década de 50, Conceição era formada praticamente pela mesma família, a do José Caetano e Maria Madalena da Paz? Isso mesmo. Era muito comum primos casando com primos e outros arranjos familiares, justamente para não haver essa mistura entre quilombolas e não quilombolas. Mas, por conta da seca de 1958, muitos moradores decidiram migrar para Fortaleza e Região Metropolitana. Esse movimento permitiu que não quilombolas passassem a habitar a comunidade e, aos poucos, essa mistura foi acontecendo.

Um desses moradores é o Seculdino Lourenço, conhecido na comunidade por Dino, como a gente soube. Tanto o Dean como a Sandra falaram bastante do Dino. Foi ele quem primeiro facilitou a chegada da energia em algumas residências. Ele era comerciante e já faleceu.

12 - Sandra falando sobre a chegada da energia, na**década de 70 (02:02)**

Narrador: O Luz Para Todos, ao qual a Sandra se refere, é um programa do Governo Federal criado em novembro de 2003, no primeiro mandato do governo Lula. O Programa chegou em Conceição dos Caetanos já em 2004.

O projeto consiste em um conjunto de medidas públicas que busca eletrificar áreas remotas com tarifas subsidiadas pelo governo federal, assim como pelos governos estaduais e empresas distribuidoras. Segundo dados enviados pelo Ministério de Minas e Energia ao nosso podcast, quase 17 milhões de pessoas foram beneficiadas em todo o país desde o início das ações do projeto, em 2004. Desde 2010, o Ceará não registra mais nenhum pedido de eletrificação. Isso porque o serviço foi considerado universalizado no Estado, embora, na prática, isso não ocorra.

Áudio do Antonio Rodrigues sobre matéria do Diário do Nordeste

Narrador (assim que começa a falar): Só pra exemplificar isso que estamos falando. Esse é o Antonio Rodrigues. Ele é jornalista e escreveu, em maio de 2021, sobre a realidade de famílias na região do Cariri que vivem sem energia elétrica. A comunidade é a Chapada do Maracujá, em Campos Sales e o título da matéria é “A rotina de famílias que vivem sem energia elétrica, em pleno 2021, no Interior do Ceará”.

Áudio do Antonio Rodrigues sobre matéria do Diário do Nordeste

Narrador: Agora voltando aqui pro quilombo de Conceição dos Caetanos, a Sandra contou um pouco pra gente sobre a primeira energia do quilombo, aquela só no centro, e também sobre a importância do Luz Para Todos.

Transição para início do próximo arco narrativo...

	<p>13 - Sandra fala que a energia primeira, a do centro, era paga no coletivo, e diz que sem o Luz Para Todos nem todo mundo, que nem antes, não poderia ter acesso a energia.</p>
<p>Terceira parte: Como eram feitas as instalações</p>	
<p>Desce transição rápida..</p>	<p>Narrador: Assim como a gente, você deve ter ficado curioso com essa história que a Sandra contou. Afinal de contas, como algumas casas, mesmo que poucas, conseguiam puxar energia mesmo antes de ter um projeto de eletrificação oficial na comunidade? Segundo a Sandra e o Dean, era do jeito que dava, puxava de uma casa pra outra mesmo. Quem podia, é claro. Então, a gente queria encontrar alguém que trabalhava fazendo, à época, essas ligações elétricas de casa pra casa. Quando perguntávamos, sempre vinha na resposta um nome: o Deda, o eletricista "oficial" da comunidade, digamos assim. Mais uma vez, o Dean nos acompanhou na busca pelo famoso Deda e, depois de algumas viagens perdidas indo ao clube onde ele mora, finalmente o encontramos. Tava na calçada do clube, conversando com os amigos.</p> <p>Áudio do celular / 14 - Encontrando Deda na calçada. (00:47)</p> <p>Narrador: Agora era eu, Rodrigo, Enilton, Bertany e o Dean, no meio do mundo, procurando o Deda... Estávamos tentando fazer com que ele gravasse uma entrevista com a gente.</p>

Áudio do celular / 14 - Encontrando Deda na calçada.**(00:47)**

Narrador: Você ouviu aí que, logo que a gente falou da entrevista, alguns amigos do Deda foram logo se saindo, mas, no fim das contas, nosso eletricista aceitou falar com a gente.

15 - Pequena apresentação do Deda

Narrador: José Luís Alves Carneiro, o Deda, nasceu em Uruburetama, mas logo foi morar em Monsenhor Tabosa, no Sertão de Crateús, com a mãe, na década de 70. Depois, se mudou novamente e veio morar na Conceição, quando conheceu o Dino. Isso já era pelos anos 80. O Deda não conseguiu ser tão preciso com a questão das datas. Mas ele mesmo vai contar essa história.

16 - Como conheceu o Dino e passou a fazer as partes elétricas em Conceição

Narrador: O Deda mora no clube da comunidade, onde é comum ter festas de aniversário, um forrozinho e outras comemorações. Quando conversamos com ele, os eventos estavam paralisados por conta da pandemia de Covid-19. Ele dorme num quartinho, onde tem TV, fogão, geladeira e outros utensílios. Inclusive, após receber essa herança do Dino, como o próprio Deda fala dos ensinamentos que recebeu, ele mesmo instalou a parte elétrica da rua onde agora mora. A história tem um ar até meio cômico e sigiloso, como a gente descobriu.

17 - Deda conta sobre o Mutirão a noite para instalar postes escondido da Coelce (02:35)

Narrador (assim que Deda fala o nome do prefeito): Esse prefeito que o Deda cita, o ‘Pedro da Rua’, é Pedro Domingos de Sousa, que governou Tururu de 1989 a 1992, e de 1997 a 2000. A gente tentou saber em que mandato dele esse mutirão noturno aconteceu, mas não conseguimos extrair isso do Deda. Também tentamos entrar em contato com a Prefeitura de Tururu para colher esses detalhes, mas a Secretaria de Infraestrutura nos informou que não possuía essas informações. Parece que a única fonte são as histórias contadas mesmo.

17 - Deda conta sobre o Mutirão a noite para instalar postes escondido da Coelce (02:35)

Transição rápida para continuar com a mesma fonte, mas outro tema...

Narrador: Prestaram atenção? Esse nome que o Deda citou, o José Galdino de Albuquerque, ou Zé Guilherme, é o prefeito que está naquela placa do Projeto de Eletrificação Rural, de agosto de 2001. Ou seja, ele doou os postes pra esse mutirão noturno e sigiloso, como o Deda falou aí, antes mesmo de ser prefeito. Isso que o Deda falou agora sobre a questão política é algo bem recorrente. Foi assim em Água Preta também. Essa espera da chegada da energia, para o Deda, caminhava junto com promessas das autoridades da cidade. As datas dão uma embolada, mas ele desenrola a história.

18 - Deda fala das promessas de políticos e cita prefeito que trouxe fiação disponível para todo o quilombo (01:03)

<p>Transição longa pra mudar de bloco temático.</p>	<p>Narrador: Essa fiação completa chegou, mas só conseguia puxar energia pra casa quem tinha condições de pagar o processo de instalação e até mesmo pagar a conta mensal.</p> <p>19 - Deda fala que as pessoas nem sonhavam em ter energia (01:47)</p>
<p>Quarta parte: Mudanças com a chegada oficial da energia</p>	
<p>Baixa som...</p> <p>Transição rápida...</p> <p>Transição rápida...</p>	<p>Narrador: A Sandra falou pra gente que até se lembra desse tempo da fiação do Zé Guilherme. Mas, o que tá mais presente na memória dela e que ela faz questão de compartilhar é da época do Luz Para Todos, que já chegou à comunidade em 2004. Foi nessa época que a maior parte dos moradores do quilombo começaram a usufruir da energia.</p> <p>20 - Sandra fala de como a comunidade reagiu a chegada geral da energia, e lembra das novelas. (01;30)</p> <p>Narrador: A Sandra citou aí as novelas. Brasileiro é noveleiro de carteirinha, não tem jeito! Então, a gente quis saber mais.</p> <p>21 - Sandra fala das impressões que tinha ao assistir novelas, e lembra da TV comunitária. (01;29)</p>

	<p>Narrador: Sabe aquela ideia pré-concebida, e errada, que muitos de nós carregamos por puro desconhecimento, de que quilombo é necessariamente um lugar isolado? Pois é... A energia, pra Sandra, veio pra rebater e acabar com essa ideia. A energia ajudou, de certa forma, a iluminar muito mais que as casas.</p> <p>22 - Sandra fala que com a chegada da energia, a comunidade ganhou uma nova visão de mundo e ficou mais unida. (01;21)</p> <p>Narrador: Mas, é bem verdade que tudo tem os seus prós e os seus contras!</p> <p>23 - Sandra brinca dizendo que pra namorar a energia atrapalhou um pouco (01;54)</p> <p>Narrador (depois de “Eu vou falar a verdade...”): No meio das lembranças da Sandra, a gente se descontraiu também. Nessa relação com a energia, como eram os namoros? As paqueras? A Sandra brinca que a energia fez foi atrapalhar.</p>
<p>Transição mais longa para troca de tema.</p> <p>Transição um pouco mais longa, de respiro.</p>	<p>23 - Sandra brinca dizendo que pra namorar a energia atrapalhou um pouco (01;54)</p> <p>Narrador: Como a gente percebeu, tudo tem seus prós e seus contras. Não foi só esse costume de namorar à luz da lamparina que se apagou com o tempo.</p> <p>24 - Sandra explica as “Sentinelas”, costume de vigiar uma pessoa doente em sua casa, enquanto as</p>

<p>Transição longa para finalização do episódio.</p>	<p><i>peessoas se reuniam perto das fogueiras na frente da casa. (01;48)</i></p> <p>Narrador: Nas nossas visitas ao quilombo, conseguimos destrinchar um pouco sobre a chegada da energia, mas também fizemos amigos e conhecemos o lugar quase por inteiro durante nossas andanças. Pra fechar nossa prosa com a Sandra, também quisemos saber o que ela pensa sobre a infraestrutura da comunidade, não só em relação à energia, mas como um todo. Pra Sandra, tem várias áreas que precisam de apoio do poder público e de melhorias.</p> <p><i>25 - Sandra fala sobre a estrutura do quilombo, e pede apoio para mais melhorias (01:54)</i></p>
<p>Parte cinco: Finalização</p>	
<p>Desce transição longa.</p>	<p>Narrador: Pois é, deu pra notar que aqui, no quilombo de Conceição dos Caetanos, a instalação da energia não foi algo de uma vez só, muito menos algo simples de entender. Teve comerciante que ajudou; teve o povo tentando puxar de casa em casa do jeito que dava; teve mutirão para colocar poste no calar da noite, trazendo até poste escondido pra ninguém saber; fiação disponível oficial e, por fim, teve o Luz Para Todos, que democratizou o acesso pra todos da comunidade. Mas, o que fica bem claro é essa força da coletividade, não só em Conceição, mas também em Água Preta. No próximo episódio do Nós Vírgula: temporada 'No Acender das Luzes', mostraremos como as políticas públicas são</p>

<p>Transição longa para finalização do episódio.</p>	<p>importantes nesse processo da chegada de serviços básicos às comunidades, e como isso transforma a vida dos moradores.</p> <p>Esse episódio foi produzido e publicado por Rodrigo Rodrigues, Bertany Pascoal e Enilton Junior, sob orientação do professor da Universidade Federal do Ceará, Edgard Patrício. A narração é de Rodrigo Rodrigues e os documentos e trilha sonora utilizados estão na descrição do episódio. Queremos agradecer, de modo muito especial, ao Dean, nosso guia oficial. Agradecer a Sandra, pela disponibilidade e carinho com que nos recebeu, e ao Deda.</p> <p>A temporada “No Acender das Luzes”, do podcast Nós Vírgula, faz parte do nosso Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, pela UFC. Esperamos que vocês tenham gostado e sigam ligados nos próximos episódios.</p>
--	--

ANEXO 3

Programa	Terceiro episódio
Tema	A vida que muda em Conceição dos Caetanos
Roteiro	Enilton Junior
Edição	Enilton Junior
Locutor	Rodrigo Rodrigues
Primeira parte: A vida como era	
<p>Aviso aos ouvintes: Olá, este é o podcast Nós Vírgula. Pra você aproveitar ao máximo a experiência com o episódio, recomendamos que ouça com os fones de ouvido. Assim, você não irá deixar passar nenhum detalhe. Os episódios desta série foram produzidos no primeiro semestre de 2021, durante a pandemia de Covid-19. Esclarecemos que todos os protocolos sanitários foram seguidos durante as entrevistas.</p>	
	<p>1LACONDESA (00:13)</p> <p>Narrador (assim que ela termina de cantar a primeira parte): Durante nossas andanças pela Conceição dos</p>

Caetanos, uma das comunidades de remanescentes de quilombos localizadas em Tururu, município do interior do Ceará, um nome que sempre aparecia era o de Dona Bibiu, a Maria Caetano Oliveira. Simplesmente todo mundo com quem a gente falava indicava ela pra compartilhar a história do quilombo, o que mudou na vida dos moradores, o que deixou de existir e por aí vai. Ela é a matriarca de Conceição dos Caetanos, bisneta do fundador da comunidade, José Caetano, e uma liderança viva. E isso tudo ali, bem ao nosso alcance.

2LACONDESA (00:31)

Narrador: Ficamos ansiosos. Não era pra menos, né?! Afinal, um dos nossos objetivos era saber o que mudou na comunidade após a chegada da energia elétrica. E a única forma de saber isso era descobrindo como foi antes da eletrificação. Imagine, então, perguntar para dona Bibiu, que de tudo deveria saber?! Era bom demais para ser verdade! E quase foi. A casa dela foi uma das primeiras que procuramos e ela estava lá. Mas, nem de tudo ela se lembrava mais...

No terceiro episódio da série a gente debate as principais mudanças de hábitos familiares ocasionadas pelo processo de eletrificação e novas configurações sociais ocorridas no quilombo Conceição dos Caetanos. Se você caiu aqui meio do nada, a gente sugere que volte lá no primeiro e segundo episódios para acompanhar a história direitinho. Fazemos parte da produção do podcast eu, Rodrigo, o Enilton e o Bertany, estudantes de jornalismo da Universidade Federal do

<p>Sobe música de transição longa para iniciar a segunda parte.</p>	<p>Ceará. São as nossas vozes, além da dos entrevistados, é claro, que vocês vão ouvir durante a temporada.</p> <p>3LACONDESA (00:26)</p>
<p>Segunda parte: Histórias de Dona Bibiu</p>	
<p>Desce música para início do narrador.</p>	<p>Narrador: Não entenda mal o que falamos agora há pouco sobre Dona Bibiu, a visita foi incrível. Ela é uma senhora de 81 anos, serena e com o coração grande do tamanho do quilombo. O que a gente não esperava é que ela não quisesse dar entrevista. Estava sem confiança porque havia começado a esquecer das coisas. Estava ficando, como ela mesmo nos disse, “caduca”. A matriarca é de uma simpatia só e merece toda a saúde do mundo. Mas, e agora? Imagine a nossa angústia, como jornalistas, ao pensar que parte das histórias que fomos atrás estavam literalmente sendo esquecidas?! Como poderíamos costurar essa chegada da energia elétrica da Conceição dos Caetanos, sem a fala da representante que poderia ser uma das mais importantes?</p> <p>Tudo isso pairou sobre as nossas cabeças. Mas, para nossa sorte, tivemos ajuda. A Sandra Caetano, que é filha adotiva da matriarca e uma das lideranças do quilombo, fez a ponte com dona Bibiu. A Sandra é aquela mesma que apareceu por aqui no episódio passado. Ela simplesmente olhou pra Dona Bibiu e falou: “A senhora fala do jeito que se lembrar”. E pronto!</p>

Transição rápida.

4 APRESENTAÇÃO DA DONA BIBIU (00:28)

5 DONA BIBIU SUSTENTA A TRADIÇÃO DO QUILOMBO (00:32)

Narrador: O bisavô que a Dona Bibiu se refere é Caetano José da Costa, que fundou a comunidade com a sua esposa, Maria Madalena da Paz. Os relatos dos moradores sobre o ano que tudo começou nos levam para a década de 1880, e sempre parte da compra da terra pelos fundadores. E, olha, é com um saudosismo gostoso que a dona Bibiu relembra as histórias da sua infância. Muito religiosa, católica fervorosa, todas as histórias dela tem um pezinho dentro da Igreja da comunidade, dedicada à Nossa Senhora das Graças. A igreja, junto com o pé de Benjamin ao lado, são os marcos do centro do quilombo. Com as lembranças muito vívidas sobre esta época, a dona Bibiu nos contou como fazia para preparar a Igreja, naquela época, para as missas e os festejos.

6 PREPARO DA IGREJA (00:37)

Narrador: Mas, imagina aí, como isso era feito? Essas lamparinas eram compradas ou feitas com as próprias mãos?

7 COMO FAZIA A LAMPARINA PARA A IGREJA

Narrador: Essa caixa d'água a qual a dona Bibiu se refere fica na entrada da comunidade, no entroncamento com a estrada Tururu-Cemoaba, que é outro distrito do município. De lá para a casa onde estávamos, agora,

com Dona Bibiu, fazendo a entrevista, demora uns 5 ou 6 minutos, numa caminhadinha.

8 COMO FAZIA A LAMPARINA PARA A IGREJA

Narrador: Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, ou Dom Paulo Ponte, como a Dona Bibiu se refere, foi bispo de Itapipoca entre 1971 e 1984. Itapipoca é um município que fica a 23 quilômetros de Tururu, também localizado na região norte do Estado. Conhecida como "*cidade dos três climas*", por haver em seu território praias, serras e o sertão, Itapipoca, com uma população de 130 mil habitantes, é de porte maior que Tururu, que tem pouco mais de 16 mil. Também por isso, boa parte das relações entre os moradores desses dois municípios consistia nessa busca por serviços, como a ida do Padre, por exemplo. Dom Paulo Ponte também já foi arcebispo de São Luís do Maranhão, entre 1984 e 2005. Ele faleceu no ano de 2009, em São Luís mesmo, longe da sua terra natal, Fortaleza.

9 VOCAÇÃO PARA CUIDAR DA IGREJA

Narrador: Essa neta a qual a Dona Bibiu se refere é a Lucinete Gonçalves Barbosa Farias, mais conhecida como Letinha. Ela nasceu em 1976 e, se você fizer as contas, tem 45 anos. Ela é de uma geração mais recente, apesar de também ter vivido a realidade de não ter energia, sem eletrodomésticos, sem geladeira, televisão e por aí vai. Ela trabalha como cabeleireira, fazendo tranças afro, e é um sucesso à parte na comunidade. Nós conseguimos conversar com ela.

Sobe transição mais longa para mudança de bloco temático.

TERCEIRA PARTE: O QUE MUDOU

Baixa vinheta longa...
Inicia o narrador.

10 QUANDO CHEGOU ENERGIA, LETINHA (00:31)

Narrador: A Letinha não sabe com precisão o ano da chegada da energia, mas traz na memória que algumas casas já eram eletrificadas durante a infância dela. Essa era a energia do Centro, aquela iniciada por meio do Dino, o comerciante cuja história contamos no episódio passado. Lembrando que, nessa época, não existia, ainda, um projeto mais amplo de eletrificação, que só chega oficialmente em 2001. Então, poucas residências contavam com o recurso, até porque era caro, além de ficar restrito a quem morava lá no Centro, perto da igreja da comunidade. De todo jeito, o fato é que, quando chegou a energia, uma nova rotina se criou. A Letinha lembra de algumas situações que aconteceram não só com ela, mas com conhecidos, que marcaram muito como foi esse período, quando tudo era uma novidade. Durante a entrevista, a gente deu umas boas risadas com essas histórias.

11 HISTÓRIAS DA LETINHA

Narrador: Todas as noites, várias famílias saíam das suas moradias e iam até a praça esperar dar o horário para o responsável pela televisão ligar o aparelho para o público. Foi assim que muitas pessoas passaram a conhecer um mundo novo. E olha que isso não é um tempo tão distante assim. Nas décadas de 1980 e 1990,

era muito comum, em todo o país, as televisões públicas, que ficavam localizadas, geralmente, nas pracinhas, como essa de Conceição. Se você quiser saber mais sobre essas televisões, o Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, Francisco de Paula Araujo, escreveu um artigo muito massa para o Observatório da Imprensa sobre o tema. O nome do artigo é “No tempo em que assistíamos televisão no meio da praça”, publicado em outubro de 2020. Confere lá.

Transição rápida mais lenta para troca de fonte..

12 HISTÓRIAS DA LETINHA

Narrador: Essa lâmpada que a Letinha fala aí é dessas redondinhas, de led, que possuem o melhor custo-benefício de consumo em relação a iluminação.

13 HISTÓRIAS DA LETINHA

14 CHEGADA DA ENERGIA NA REGIÃO

Narrador: Lembra quando a gente falou que o quilombo é conhecido como rua? Bem, onde seu Raimundo mora é um pouco diferente. A casa fica bem na beira do rio Mundaú, meio isolada de outras residências. Pra você ter ideia, elas ficam mais fáceis de serem notadas à noite, quando a gente consegue ver uma ponta ou outra de luz no meio da escuridão. Apesar de ser próximo do quilombo, cerca de 10 minutos de moto, fica localizada em outro município, que é Itapipoca. Se você tiver a curiosidade de olhar no Google Maps, vai perceber que a

<p>Transição rápida.</p> <p>Transição rápida.</p>	<p>única coisa que divide as duas cidades é um pequeno braço do rio, que é possível atravessar a pé, inclusive.</p> <p>Narrador: Esse prefeito que o seu Raimundo se refere é José Arimateia Barbosa, que ficou na prefeitura de Itapipoca entre os anos de 1959 e 1963.</p> <p>15 APRESENTAÇÃO RAIMUNDO MADALENA (00:23)</p> <p>Narrador: O seu Raimundo Madalena chegou à região, ainda criança, em 1958, quando não havia energia elétrica. Ele conta que já passou por maus bocados nessa época.</p> <p>16 SR MADALENA QUASE QUEBRA A PERNA (00:40)</p> <p>17 CHEGADA DA ENERGIA NA REGIÃO</p> <p>Narrador: Essa diferença entre a chegada da energia elétrica no distrito de Conceição, em Tururu, e no distrito de Deserto, em Itapipoca, onde o seu Raimundo mora, aconteceu justamente devido ao distanciamento político entre os municípios. Apesar de serem muito pertinho um do outro, os projetos voltados para Tururu não atendem à região onde o seu Raimundo mora.</p> <p>18 PUXANDO ENERGIA DE TURURU</p> <p>Narrador: Edisio Pacheco é José Edisio Oliveira Teixeira Pacheco, que também é vice-prefeito de Itapipoca no período em que esse podcast foi desenvolvido.</p> <p>19 PUXANDO ENERGIA DE TURURU</p> <p>20 PUXANDO ENERGIA DE TURURU</p>
---	---

<p>Transição mais lenta para voltar à Letinha.</p>	<p>Narrador: A gente trouxe a história do seu Raimundo pra você ter noção de como as coisas foram se desenrolando ao longo do tempo. Mesmo morando muito perto do quilombo, os processos de eletrificação foram completamente diferentes. Apesar disso, as transformações vivenciadas por seu Raimundo, Letinha e até dona Bibiu, são semelhantes.</p> <p>21 O QUE MAIS MUDOU</p> <p>Narrador: Assim como dona Bibiu, a Letinha também é mãe. Ela teve seus filhos ainda jovem e, aos 45 anos, já é avó da Layssa Helen Martins Gonçalves, a Lainha, de 3 anos. Ela percebe toda a diferença entre o que foi a sua infância e como é a de sua neta.</p> <p>21 O QUE MAIS MUDOU</p> <p>22 LETINHA INFÂNCIA DIFERENTE E HISTÓRIAS QUE FAZEM FALTA</p> <p>23 LETINHA INFÂNCIA DIFERENTE E HISTÓRIAS QUE FAZEM FALTA</p>
<p>Transição rápida.</p>	<p>Narrador: Não é só isso que está diferente. Ao relembrar as festas à luz de lamparinas, Letinha percebe o quão diferente são os eventos sociais de hoje em dia e como ela, como mãe e avó, tem dificuldades para se adaptar a esse novo cotidiano..</p> <p>24 FILHOS FICAVAM SOZINHOS</p> <p>25 LETINHA DORME CEDO</p>

<p>Sobe música longa de transição de BG.</p>	<p>Narrador: Já pensou as crianças de hoje em dia jantando e indo dormir seis horas da noite? Nem em pensamento. Com a chegada da energia, os dias ficaram mais longos e as noites mais curtas. A própria Letinha percebe que, vez ou outra, alguns hábitos se repetem, mas que nem de perto é mais como antigamente.</p> <p>26 LETINHA SE ADAPTANDO AOS NOVOS TEMPOS NA MARRA</p>
<p>Encerramento</p>	
<p>Desce BG de transição em fade out e entra narrador...</p>	<p>Narrador: Pois é, meus amigos, como a gente tá percebendo, as políticas sociais e incremento de serviços básicos trouxeram mudanças consideráveis em Conceição dos Caetanos. Longe de julgarmos se boas ou ruins, mas mudanças. No próximo episódio da temporada continuaremos falando sobre o surgimento de novas perspectivas comerciais com o processo de eletrificação.</p> <p>Esse episódio foi produzido e publicado por Rodrigo Rodrigues, Bertany Pascoal e Enilton Junior, estudantes sob orientação do professor Edgard Patrício. A narração é de Rodrigo Rodrigues e os documentos e trilha sonora utilizados estão na descrição do episódio, se você quiser se aprofundar em algum ponto específico.</p>

	<p>Queremos agradecer, de modo muito especial, o Dean, nosso guia oficial, a dona Bibiu, a Letinha e o seu Raimundo Madalena, que nos receberam muito bem e nos contaram boas histórias. A série de episódios da temporada “No Acender das Luzes” faz parte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social - Jornalismo, pela UFC. Esperamos que vocês tenham gostado e sigam ligados nos próximos episódios.</p>
--	---

ANEXO 4

Programa	Quarto episódio
Tema	Eletrificação e as novas perspectivas comerciais
Roteiro	Enilton Junior
Edição	Enilton Junior/Bertany Pascoal
Locutor	Rodrigo Rodrigues
INTRODUÇÃO	
<p>Aviso aos ouvintes: Olá, este é o podcast Nós Vírgula. Pra você aproveitar ao máximo a experiência com o episódio, recomendamos que ouça com os fones de ouvido. Assim, você não irá deixar passar nenhum detalhe. Os episódios desta série foram produzidos no primeiro semestre de 2021, durante a pandemia de Covid-19. Esclarecemos que todos os protocolos sanitários foram seguidos durante as entrevistas.</p>	
<p>Som de fogueira baixinho...</p>	<p>1 EURICE FAIXO (47s)</p> <p>Narrador: Quem aí já viu uma daquelas fogueiras em uma festa de São João? Dentro de um festejo junino, elas são símbolos de tradição. Também podemos fazer o</p>

exercício de lembrar ou perceber se já vimos fogueiras em outro contexto. Quem mora em lugares menos movimentados já pode ter visto alguém acendendo uma fogueira no meio da rua exatamente no dia 24 de junho, em homenagem a São João. O próprio Enilton, um dos autores desta temporada do nosso podcast, contou que acontece exatamente isso na rua onde a mãe dele mora, em Fortaleza. Mas, podemos imaginar essas fogueiras ainda em um segundo contexto. A Maria Eurice Moreira, de 80 anos, que abriu esse episódio da temporada No Acender das Luzes, do podcast Nós Vírgula, explicou: vários “tachos”, como ela diz, eram colocados no meio da rua e eram a principal fonte de luz pela noite, fazendo mais ou menos a função dos postes hoje em dia. Elas iluminavam muito mais o ambiente externo do que as lâmparinas. Esses tachos são espécies de grandes vasilhas onde fica o fogo.

2 APRESENTAÇÃO EURICE (52s)

Narrador: Além de tudo isso, a Eurice também é minha tia. Por isso, num instante o Enilton e o Bertany passaram a chamar ela de tia Eurice também. Ela foi dona de um dos mercados mais bem falados por todos na Conceição dos Caetanos, comunidade remanescente de quilombo, localizada no município de Tururu, a 119 quilômetros de Fortaleza. Todas as pessoas que perguntamos sobre vendas e comércios, em algum momento, citavam a tia Eurice e o seu marido Ozete, que era mais conhecido como seu Oza. Ele havia falecido há 3 anos no período em que esse podcast foi produzido, em 2021.

3 COMÉRCIO AS ESCURAS (59s)

Narrador: Em um período onde as fogueiras e os tachos faziam mais ou menos a função dos postes de energia, hoje em dia, a tia Eurice vendia dois tipos de fonte de luz, cada uma com uma função diferente: uma mais forte, para trabalhar de noite; e outra mais fraquinha para iluminar dentro de casa.

4 VENDER AS PRIMEIRAS LAMPARINAS (37s)

Narrador: Esses faróis aos quais a tia Eurice se refere é como se fossem um tipo de abajur, mas sem ligar na tomada, é claro. Um objeto geralmente de metal com uma haste na parte de cima para segurá-la e uma proteção de vidro para proteger a fonte de luz. Essa luz poderia ser uma vela, ou uma chama abastecida por combustível, como querosene ou gás, por exemplo.

Narrador: Nos episódios anteriores do Nós Vírgula - temporada “No Acender das luzes”, você já teve um gostinho de como as lamparinas eram. Se você está ouvindo esse episódio até aqui e passou direto pelos anteriores, tá adiantado, hein?! É bom parar um pouquinho por aqui e dar uma olhada nos três primeiros episódios dessa temporada. Nesse episódio, nosso podcast foi em busca de entender o surgimento de novas perspectivas comerciais com o processo de eletrificação. Mostraremos como a chegada da energia possibilitou a expansão dos quilombos Conceição dos Caetanos e Água Preta, ambos localizados no município de Tururu, na região Norte do Ceará, para além de seu território. Afinal de contas, como isso modifica a vida das

<p>Sobe música de transição longa para iniciar a segunda parte.</p>	<p>comunidades? Fazemos parte da produção do podcast eu, Rodrigo, o Enilton e o Bertany, estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Ceará. São as nossas vozes e dos entrevistados que vocês estão ouvindo nesta temporada.</p>
<p>Primeira parte: A venda de lamparinas</p>	
<p>Baixa vinheta... Inicia o narrador.</p>	<p>Narrador: Hummm* (<i>dica para narrador: dúvida</i>). Olha, pensando que as fogueiras e os tachos iluminavam do lado de fora, se eu tivesse vivo nessa época, eu me sentiria diante de duas possibilidades, viu: poderia tentar ajustar meu dia para não depender de claridade dentro de casa no período da noite, resolvendo minhas tarefas com a luz do sol e dormindo mais cedo. Devia ser assim que muitos faziam...; ou, poderia comprar lamparinas para tentar iluminar um pouquinho mais dentro de casa. Mas, isso nem sempre era uma tarefa fácil. Primeiro, porque até mesmo para a tia Eurice, que tinha o comércio, era trabalhoso conseguir as lamparinas.</p> <p>5 COMPRA DA URUBURETAMA (1 min)</p> <p>Narrador: Este “outro lugar” ao qual a tia Eurice se refere é Uruburetama. Uruburetama é um município do estado do Ceará que fica às margens do rio Mundaú. Conhecida como Terra da Banana e Arraial, sua população é de pouco mais de 22 mil pessoas. Muitas vezes, o município servia como um centro comercial para os moradores de Conceição dos Caetanos, Água Preta e outros povoados da região. No entanto, devido à</p>

<p>Transição rápida entre um áudio e o outro</p> <p>Transição rápida entre os áudios</p> <p>Transição rápida entre os áudios</p> <p>Sobe música de transição longa para iniciar a segunda parte.</p>	<p>distância de 17 quilômetros entre um e outro, nem todo mundo tinha condições de ir até lá. Assim, comerciantes como a tia Eurice tinham essa importante função de ser facilitadores do acesso a essas mercadorias.</p> <p>6 NEM TODO MUNDO VENDIA (15 s)</p> <p>7 VENDENDO E USANDO AS LAMPARINAS (39 s)</p> <p>Narrador: A venda da lamparina nem era assim tão rentável, tanto que talvez por isso não existisse nenhum flandeiro em Conceição dos Caetanos, que era quem fazia as lamparinas.</p> <p>8 QUEROSENE PARA A LAMPARINA (1:18)</p> <p>9 SOBRE OS FLANDEIROS (31s)</p> <p>Narrador: Os moradores que usavam a lamparina dentro de casa tinham o hábito de comprar diariamente combustível para abastecer o fogo. O negócio era o seguinte: assim que faltava, ia na bodega e comprava. O dinheiro era apertado. Assim, não era preciso gastar uma quantidade grande de uma vez só com querosene.</p> <p>12 POUCA DIFERENÇA DE PREÇO (56s)</p> <p>13 QUEROSENE DIARIAMENTE (54s)</p>
<p>Segunda parte: Alimentação</p>	

Baixa vinheta longa...

14 DINDIN PARA VENDER (23s)

Narrador: Depois que a energia elétrica chegou, as lamparinas começaram a cair em desuso, como era de se esperar. Mas, isso não quer dizer que o objeto deixou de fazer parte da história das comunidades. Antônia Lopes de Lima, de 61 anos, mais conhecida como dona Toinha, é uma das que traz essa memória de modo muito forte. Se vocês estão se lembrando bem, ela apareceu aqui no primeiro episódio da série. É uma liderança quilombola em Água Preta, comunidade de remanescentes de quilombo localizado na sede do Tururu. Ela construiu um museu na comunidade onde guarda, entre outras coisas, lamparinas. Geralmente os outros moradores tinham elas esquecidas nos cantos. E mesmo assim, respeitando o passado e guardando a memória da comunidade, a dona Toinha conseguiu ter uma renda a mais se adaptando aos novos recursos que chegavam em Água Preta. Foi assim com o processo de eletrificação, no fim da década de 1990.

15 COMO FAZER DINDIN (49s)

Narrador: O produto que a dona Toinha precisava custava 10 centavos, mas acontece que o dinheiro não era muito acessível à época. Nesse tempo havia muito a troca de bens e serviços, porque a principal fonte de renda da comunidade eram as farinhadas de mandioca, assim como na vizinha Conceição dos Caetanos.

Narrador: A energia elétrica também veio para gerar novas oportunidades e ajudar a fazer o dinheiro circular

<p>Transição rápida entre os áudios</p>	<p>mais na mão do povo, ainda que não fosse ser 100% suficiente para uma melhoria significativa da qualidade de vida. Esse processo melhorou com o surgimento de projetos sociais como o Bolsa Família. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, a PNAD, de 2019, mostram que, no Brasil, 13,5% dos domicílios particulares permanentes recebiam dinheiro referente ao Programa Bolsa Família. Segundo dados do Ministério da Cidadania, em maio de 2021, foram repassados 324 mil reais ao município de Tururu. Neste mês, 1 mil e 23 famílias receberam o benefício. Além disso, o rendimento proveniente de aposentadoria ou pensão também é significativo e representa 25,5% da fonte de renda registrada na aqui na região Nordeste. A PNAD Contínua investiga, regularmente, informações sobre os rendimentos provenientes de todos os trabalhos e de outras fontes não oriundas do trabalho das pessoas residentes no Brasil. Segundo o IBGE, o PIB per capita do município de Tururu em 2018 foi de 6 mil 539 reais e 47 centavos.</p> <p>Narrador: A Alesandra Benevides, que é doutora em Economia, professora do curso de ciências econômicas de Sobral, da UFC e membro do Laboratório de Análise de Dados e Economia da Educação, o educLAB, também da Federal, traz um panorama sobre essa situação e explica a importância desses projetos para a distribuição de renda em comunidades como a Conceição dos Caetanos e a Água preta.</p> <p>15.1 ALESANDRA BENEVIDES</p>
---	---

Narrador: Além da oportunidade de reduzir os índices de trabalho infantil, segundo a doutora Alesandra Benevides, projetos sociais como o Bolsa Família ainda tem outras funções dentro de uma comunidade rural, como as de Água Preta e Conceição dos Caetanos.

15.2 ALESANDRA BENEVIDES

Narrador: Com a chegada da energia elétrica e de programas sociais de distribuição de renda, houve um salto na qualidade de vida. Escute só, a dona Toinha conta como fazia para conservar os alimentos antigamente.

16 CONSERVAÇÃO DE ALIMENTO (33s)

Narrador: Como disse a dona Toinha, não era só o combustível da lamparina que era comprado diariamente. Alguns alimentos também, porque senão estragavam.

17 SEU MANEL CONSERVA COMIDA (14s)

Narrador: Esse é o Manoel Alves, de 58 anos, quilombola lá de Água Preta... Ele conta que só comia comida recém-preparada, devido ao fato de ser difícil de conservar.

Sobe música de
transição longa para
iniciar a terceira.

18 CONSERVAÇÃO DOS ALIMENTOS (24s)

19 HÁBITOS FAMILIARES (1:44)

	<p>Narrador: Quem ainda tinha recursos para conservar alimentos costumava fazer em eventos especiais. É o que conta o José Luís Alves Carneiro, o Deda, de 55 anos, eletricista lá de Conceição dos Caetanos, que também já apareceu por aqui, no segundo episódio.</p> <p>20 FESTA NO ESCURO DEDA (1:13)</p>
<p>Terceira parte: Novas oportunidades</p>	
<p>Baixa vinheta longa...</p> <p>Inicia a sonora</p> <p>Transição rápida</p>	<p>21 APRESENTAÇÃO JOELHO (26s)</p> <p>22 CONSCIÊNCIA QUILOMBOLA (37s)</p> <p>Narrador: Voltamos à Conceição dos Caetanos com o Joélio. Durante a pandemia de Covid-19 ele resolveu arriscar e criou, junto com a mãe, uma sorveteria. E, como você já deve ter percebido, é um empreendimento totalmente dependente de energia elétrica.</p> <p>23 CONHECE SORVETERIA EM FORTALEZA (1:09)</p> <p>Narrador: O Jardim Iracema é um bairro na zona Oeste de Fortaleza. Está localizado na Secretaria Executiva Regional Três e tem, aproximadamente, 22 mil habitantes. Considerado um dos bairros de presença significativa da população negra na Capital.</p> <p>24 NOVA PROPOSTA (1:21)</p>

<p>Transição rápida entre áudios</p> <p>Sobe música de transição longa para encerrar o episódio</p>	<p>Narrador: O novo coronavírus começou a circular na China, no fim de 2019, e explodiu no mundo inteiro em 2020. O vírus já vitimou mais de meio milhão de brasileiros. Aqui no Ceará, o Governo do Estado decretou situação de calamidade pública em saúde, em março de 2020, e precisou decretar isolamento social rígido para frear a disseminação da doença. Assim como em outras comunidades cearenses, os moradores da Conceição dos Caetanos tiveram a renda afetada pelo isolamento social.</p> <p>25 DELIVERY (1:01)</p> <p>26 COMEÇO DA SORVETERIA (48s)</p> <p>Narrador: É legal pensar quantas informações o Joelho pode ter acesso não só graças à energia, como também à internet. A energia é a responsável por tornar possível o sonho do Joelho de abrir uma sorveteria, e a internet o ajudou a inovar mais uma vez, criando suas próprias receitas. E, mesmo com esse trabalho, a visão empreendedora do Joelho reconhece que ainda há muitas coisas que a comunidade precisaria ter. Cada vez mais, com a chegada de novas tecnologias, e com acesso a condições de investimento, a expectativa é que a comunidade consiga ir melhorando.</p> <p>29 MELHORIAS PARA A COMUNIDADE (01:23)</p>
<p>Encerramento</p>	

Desce música de
transição longa para
iniciar o narrador

Narrador: No próximo episódio do Nós Vírgula - temporada “No Acender das Luzes”, falaremos como a chegada dessas novas tecnologias acaba modificando o processo de informatização das comunidades. Com a chegada da rádio, televisão e, bem depois, da internet, os moradores passaram a ter um consumo diferente da informação. O que mudou no dia a dia dessas pessoas? Como elas passaram a utilizar essas ferramentas? Que tipo de entretenimento elas consumiam? Como a internet modificou a vida delas? Iremos acompanhar, por exemplo, quais as percepções desses moradores através do consumo da TV e, depois da Internet, ferramenta que é usada na articulação política e social das comunidades.

Esse episódio foi produzido e publicado por Rodrigo Rodrigues, Bertany Pascoal e Enilton Junior, estudantes sob orientação do professor Edgard Patrício. A narração é de Rodrigo Rodrigues e os documentos e trilha sonora utilizados estão na descrição do episódio, se você quiser se aprofundar em algum ponto específico.

Queremos agradecer, de modo muito especial, o Dean, nosso guia oficial; a tia Toinha, que fez um almoço sensacional para gente; a tia Eurice que nos ajudou duas vezes; o seu Manel que foi super simpático e conversou foi muito com a gente; o Deda, o primeiro eletricista, que nos apresentou a geladeira de pó de cedro e ao Joelho, o jovem empreendedor da Conceição dos Caetanos. A série de episódios da temporada “No Acender das Luzes” faz parte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso

	<p>em Comunicação Social - Jornalismo, pela UFC. Esperamos que vocês tenham gostado e sigam ligados nos próximos episódios.</p>
--	--

ANEXO 5

Programa	Quinto Episódio
Tema	Comunicação: do rádio de pilha ao mundo online
Roteiro	Bertany Pascoal
Edição	Bertany Pascoal/Rodrigo Rodrigues/Enilton Junior
Locutores	Rodrigo Rodrigues
Primeira parte: Apresentação	
<p>Aviso aos ouvintes: Olá, este é o podcast Nós Vírgula. Pra você aproveitar ao máximo a experiência com o episódio, recomendamos que ouça com os fones de ouvido. Assim, você não irá deixar passar nenhum detalhe. Os episódios desta série foram produzidos no primeiro semestre de 2021, durante a pandemia de Covid-19. Esclarecemos que todos os protocolos sanitários foram seguidos durante as entrevistas.</p>	
<p>Inicia com sonora do Adaildo.</p>	<p>(áudio do Adaildo falando sobre a chegada da energia)</p> <p>Narrador: Essa voz que vocês estão ouvindo é do Adaildo Caetano, de 34 anos, liderança do quilombo de Conceição dos Caetanos, no município de Tururu. Ele é</p>

<p>Retorna Sonora.</p> <p>Sobe Vinheta</p>	<p>um ponto-chave desse episódio, onde iremos abordar assuntos como acesso à informação, internet, poder público, políticas sociais e articulação quilombola.</p> <p>ADAILDO SOBRE CONSUMO DE INFORMAÇÃO ANTES DA ENERGIA E AGORA ONLINE (0:49)</p> <p>Narrador (assim que acaba a primeira pergunta): Quem está fazendo a pergunta é o Bertany, um dos estudantes de comunicação da equipe, que é composta por mim, Rodrigo, e pelo Enilton.</p> <p>ADAILDO SOBRE MAIOR ARTICULAÇÃO QUILOMBOLA COM A INTERNET. (0:29)</p> <p>Narrador: Nos episódios anteriores do Nós Vírgula: temporada “No Acender das Luzes”, a gente falou sobre a chegada da energia elétrica, mudanças de costumes e perspectivas nos quilombos de Conceição dos Caetanos e Água Preta, ambas localizadas no mesmo município. Agora, no quinto episódio, buscaremos ouvir relatos e memórias sobre percepções relativas ao mundo da comunicação e também da informatização, passando pelo rádio, TV, indo até o mundo online, possível com a chegada da internet. Se você caiu aqui, meio do nada, e não ouviu os episódios anteriores, é bom que você volte lá desde o começo e ouça todos os episódios para acompanhar a história direitinho, beleza?</p>
<p>Segunda parte: Rádio e TV</p>	

Desce vinheta.

Narrador: Quem nunca viu um parente, pegando aquele ventinho na calçada em frente de casa, segurando um rádio na mão, que atire a primeira pedra. O rádio nasceu no Brasil em 1919 com a pioneira Rádio Club de Pernambuco, lá do Recife; no começo ela era só um grupo de entusiastas da radiofonia que eram super animados pela possibilidade de transmitir mensagens por ondas eletromagnéticas, e lá iam desenrolando suas experiências radiofônicas. E hoje a rádio tem mais de cem anos e ainda está no ar! Desde lá, tome história!

A variedade de nomes e estilos vai longe: rádio, radiola, vitrola, rádín de “pia”, que a gente chama, rádio à bateria, de 1 e 99, e por aí vai. Devido à existência de rádios a pilha ou a bateria, é até um pouco óbvio saber que o rádio conseguiu chegar antes da energia elétrica nas comunidades de um modo geral, incluindo a Conceição dos Caetanos e Água Preta.

Se vocês ouvirem o primeiro episódio da temporada, vão lembrar da Maria do Carmo, de 42 anos, filha da Dona Toinha, lá do quilombo de Água Preta. Ela falou pra gente que rádio tava lá antes da energia, e era pra lazer e informação. Quem está fazendo as perguntas, agora, sou eu mesmo.

MARIA DO CARMO FALA DO USO ANTIGO DO RÁDIO (1:11)

VINHETA A VOZ DO BRASIL

<p>Após sonora, entra vinheta:</p>	<p>Narrador: É só ouvir essa ópera clássica, chamada O Guarani, de Carlos Gomes, pra lembrar da Voz do Brasil, não tem jeito. O programa foi criado em 1935 e ainda tá no ar, com os seus 86 anos. Foi criado na década de 1930 pra dar um ‘UP’ na popularidade do então presidente, Getúlio Vargas. E de lá, pra cá já vem acompanhando o mandato de 23 presidentes.</p>
<p>Tocar Começo da vinheta clássica da Voz do Brasil, depois deixar no fundo enquanto narrador fala do programa.</p>	<p>E num tem essa de hoje em dia o Rádio ser visto como uma mídia do passado não, viu? Tem nem perigo. Uma pesquisa do Kantar-Ibope de 2020 mostra que 78% dos brasileiros ouvem rádio, isso em qualquer suporte, seja rádio mesmo, celular, no carro... E ouvem muito: 3 em cada 5 dos entrevistados escutam diariamente em uma média de 4 horas e 41 minutos.</p>
<p>Desaparece vinheta da Voz do Brasil.</p>	<p>Narrador: Com a TV foi um pouco diferente. Chegou comercialmente no Brasil na década de 1950 e, como a gente bem sabe, possuir uma antigamente estava muito ligado ao bom poder aquisitivo do cidadão. Lá em Água Preta, a Dona Toinha, que você conhece do primeiro episódio e do quarto episódio dessa série, contou pra gente da TV comunitária lá de Água Preta.</p>
<p>Transição de mudança de tema.</p>	<p>TOINHA FALA SOBRE FUNCIONAMENTO DA TV COMUNITÁRIA DE ÁGUA PRETA (0:39)</p> <p>Narrador: Ela ganhou a TV de presente no fim dos anos 1990. Ela relembra como foi pra botar ela pra funcionar. E o que ela mais assistia, já sabe, né? E “toome” novela.</p>

TOINHA FALA SOBRE A TV CHEGANDO EM SUA CASA (0:40)

Narrador: A gente perguntou pra dona Toinha sobre as atrizes negras que ela via no tempo que ganhou a TV. Ela respondeu que eram raras, tinha uma ou duas, e nem o nome lembra mais. Tinha uns filmes sobre a luta contra a escravidão que ela gostava que só, mas meio que também não lembra o nome. Mas uma coisa era certa pra Toinha, se por um lado as produções de TV que ela via na época traziam alguns debates importantes, por outros reproduzia preconceitos enraizados na sociedade.

É o que a filha dela, a Maria do Carmo, diz pra gente: até hoje em dia há problemas na questão da representatividade negra na TV.

Maria do Carmo Representatividade TV (00:16)**Luizete Vicente sobre representatividade na televisão brasileira**

Narrador (assim que a fonte começar a falar): A gente conversou rapidinho com a jornalista Luizete Vicente sobre representatividade negra na TV. Ela é especialista em gestão em políticas públicas pela UNICAMP, mestre e doutoranda em comunicação pela UFC. Ela desenvolve pesquisas nas áreas de mídias sociais, políticas públicas e relações étnico-raciais.

Luizete Vicente sobre representatividade na televisão brasileira (finalizando áudio)

Transição rápida para troca de fonte.

<p>Transição rápida</p>	<p>Narrador: A gente quis saber da Dona Toinha uma novela que ela lembre de maneira especial, uma de que tenha lembranças assim... mais vívidas.</p> <p>TOINHA FALA SOBRE A NOVELA ESCRAVA ISAURA (00:38)</p> <p>Narrador: A Escrava Isaura, que a dona Toinha tanto gostou, é um romance de 1875, escrito por Bernardo Guimarães, e conta a história de uma escrava de pele branca chamada Isaura. Na história, Isaura tinha instrução nas modas da época, recebeu educação e tinha aprendido a se comportar como uma dama da alta sociedade daquele tempo. Ela buscava se livrar dos assédios de seu “Senhor”, o Leôncio; o Leôncio é filho da Matriarca que adorava Isaura e queria um dia lhe dar a liberdade, mas a matriarca morre e Isaura fica “nas posses” do vilão da história.</p> <p>O livro teve duas adaptações para telenovelas no Brasil: uma da Globo, de 1976, com Isaura interpretada pela atriz Lucélia Santos, e a outra da Record, de 2004, com a personagem principal sendo interpretada pela atriz Bianca Rinaldi. Por falar na Escrava Isaura, não foi só pela Dona Toinha que ela foi lembrada com destaque não. Lembra do Adaildo, o personagem que abriu esse episódio com toda aquela veemência? Pois então, ele traz um caso sobre a novela Escrava Isaura, assistida lá na TV comunitária do quilombo de Conceição dos Caetanos. Por lá, a novela gerou debates raciais importantes.</p>
-------------------------	--

ADAILDO SOBRE A ESCRAVA ISAURA (1:58)

Narrador (quando ele fala da versão da Record, cortar áudio e inserir locução): O Adaildo fala da reprise, mas, na verdade, não foi nem uma reprise, foi essa segunda adaptação que falamos agora há pouco, que foi transmitida pela rede Record de outubro de 2004 a abril de 2005.

Narrador: A TV e o Rádio tiveram grande importância pras duas comunidades, como a gente vem acompanhando aqui nos episódios. Esses meios trazem suas formas de interatividade, cada qual à sua maneira.

Mas essa internet a qual já estamos habituados, a 2.0, essa que todo mundo conectado pode ser um pesquisador, criador e distribuidor de informação, é uma outra história. Se a gente foi nos quilombos pra coletar relatos sobre a chegada da energia elétrica e seus desdobramentos, não podíamos deixar de falar da Internet, né, meu chapa? Com a energia, as tecnologias podem ir aparecendo e o acesso a serviços melhorando e a vida mudando. A Maria do Carmo, lá de Água Preta, disse pra gente que a Banda Larga via WIFI chegou na comunidade tem muito pouco tempo, e ela vê o mundo online como um espaço onde os mais jovens podem se engajar melhor nas causas sociais, coisa que no “rádi de pia” de antigamente e na TV não dava.

MARIA DO CARMO - INTERNET, JUVENTUDE E CAUSAS SOCIAIS (00:16)

<p>Transição longa mudança de tema</p>	<p>Narrador: A gente vai aproveitar esse gancho da Maria do Carmo para trazer de vez o Adaildo, esse que a gente ouviu duas vezes aqui meio que sem nem apresentar. Batemos um papo com ele sobre esse mundo online e o quilombo de Conceição dos Caetanos.</p>
<p>Terceira parte: internet</p>	
<p>Desce transição</p>	<p>Narrador: Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD, realizada pelo IBGE em 2019, 82% dos domicílios nacionais possuem acesso à internet. O mesmo estudo concluiu que no Ceará essa porcentagem cai pra 75%, ou seja, 25%, quase 77 mil domicílios cearenses, ainda estão sem conectividade ainda que serviços como Banda Larga, 3g e 4g estejam disponíveis em 86% das residências cearenses. Ainda em 2019, a pesquisa TIC Domicílios, levantamento sobre acesso a tecnologias da informação e comunicação, que é feita pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação, afirmou que 3 em cada 4 brasileiros acessam a internet. Isso dá mais de 134 milhões de pessoas. Mas, como o mundo online é usado na articulação quilombola e outras questões da comunidade? O Adaildo Caetano, de 34 anos, é irmão da Sandra. Sim, ela mesma. Aquela professora com quem a gente conversou no segundo episódio e rendeu uma penca de história massa.</p> <p>ADAILDO - APRESENTAÇÃO (00:21)</p>

Narrador: A casa dele é vizinha a da Sandra, e é toda decorada no estilo, a adega do homem então... Nem se fala. A gente falou com ele pouco antes de vir embora pra Fortaleza. Isso era domingo, umas 11 horas da manhã. Foi justamente em nossa última passagem por Tururu, em junho de 2021. Já tínhamos tentado falar com ele nas visitas anteriores, mas nunca dava certo.

Mas valeu a pena esperar. O Adaildo “fechou com chave de ouro” nossas passagens pela comunidade. Ele, junto com as outras lideranças e jovens da comunidade, estão dando uma cara nova ao quilombo. E a Internet tem ressignificado e modificado algumas percepções dos habitantes. A gente quis saber como o Adaildo fazia articulações sociais por meio da internet.

Adaildo - internet e redes sociais articulação quilombola (conaq, cequirce) (01:19)

Narrador (quando ele confunde google meet por google maps): Aqui, o Adaildo muito provavelmente confundiu o Google Maps com o Google Meet, que é uma plataforma do Google onde se pode criar videochamadas de trabalho e reuniões entre várias pessoas.

Adaildo - internet e redes sociais articulação quilombola (conaq, cequirce) (01:19) - finaliza áudio

Narrador: A Cerquice que o Adaildo citou aqui é a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará, e a CONAQ, a sigla para a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Se com a Internet essa articulação é assim, quando não tinha era...

Aqui, o início da fala do Adaildo “engata” com o

final da fala do narrador,
na palavra "boca".

Transição rápida depois
da sonora para vir o
narrador.

Transição pouco mais
longa pra voltar
narrador

Transição Rápida

2.1 - ADAILDO - PARA ARTICULAR AÇÕES SEM INTERNET ERA POR BOCA. (BILHETE, PESSOA VINHA DE CAVALO, MOTOTÁXI.) (00:33)

Narrador: Com a popularização das redes sociais, a gente sabe que a disseminação de desinformação também aumenta. Mas, tem um outro lado também. O Adaildo fala que, agora, graças a Internet, fica mais fácil a própria comunidade criar mecanismos para fiscalizar o poder público. Ele contou pra gente uma vez que rebateu um político cearense nas redes sociais. Foi o Capitão Wagner, que está em seu primeiro mandato como deputado federal pelo Partido Republicano da Ordem Social, o PROS.

ADAILDO REBATE CAPITÃO WAGNER (03:35)

Narrador: Também quisemos saber como é a relação Internet e Educação, no quilombo de Conceição dos Caetanos, e como se dá esse trabalho na formação dos jovens. Aqui, ele cita bem a Sandra Caetano, irmã dele, historiadora e professora da comunidade.

1.3 - ADAILDO E USO DA INTERNET PARA EDUCAÇÃO E PESQUISA DE AUTORES NEGROS (01:34)

Narrador: Agora, calma, porque a gente vai abrir uma discussão dentro de uma discussão. Isso que o Adaildo tá falando sobre o uso da internet pra todas essas tarefas e processos na comunidade acontecem via WIFI, que só chegou no quilombo há pouquíssimo tempo, em 2016, segundo ele. Antes, o Adaildo só podia contar com os dados móveis do plano do celular, que a gente sabe como é: piscou, acabou.

ADAILDO E DIFICULDADE COM USO EXCLUSIVO DE DADOS MÓVEIS (00:50)

Narrador: Massa ele puxar esse assunto porque mexe diretamente com o debate sobre acesso à informação - e aqui falando não só do Ceará, como do Brasil. Uma estimativa publicada em dezembro de 2020 pela Aliança pela Internet Acessível, uma coalizão global com mais de 50 membros que visa a redução do custo do acesso à internet nos países em desenvolvimento, mostra que 20% das pessoas mais pobres no Brasil precisam usar 8% de sua renda mensal para comprar apenas 1GB de dados. Ainda conforme a análise, embora o Brasil atenda ao limite de acessibilidade de dados determinado pela Organização das Nações Unidas, em que 1GB custa 1,3% da renda média, as desigualdades sociais e regionais aqui no Brasil impedem a democratização plena do serviço. Para a gente ter uma ideia do tamanho do buraco, o País ocupa apenas a 12ª posição em um ranking no estudo que mede a eficácia de políticas públicas associadas à redução dos preços da internet em 72 países de baixa e média renda. Lá em Conceição dos Caetanos, como vimos, o Wifi só chegou em 2016. Em Água Preta, a Maria do Carmo fala mais ou menos a mesma coisa.

MARIA DO CARMO E DADOS MÓVEIS. (00:34)

Narrador: A Internet, lá na Conceição dos Caetanos, também foi importante no quesito da autoaceitação e percepção da beleza negra, como nos conta o Adaildo. Ele é um 'storyteller', só sabe responder por meio de histórias. E uma mais empolgante que a outra.

<p>Transição rápida entre áudios</p> <p>Trecho da música <u>Brisa</u>, da <u>IZA</u>. Focar no refrão.</p>	<p>1 - ADAILDO - INTERNET E AUTOPERCEPÇÃO DA BELEZA DAS MENINAS NEGRAS DO QUILOMBO (01:11)</p> <p>Narrador: Esse ponto que o Adaildo falou bate direitinho com a perspectiva que a Luizete Vicente falou pra gente, desse papel das redes sociais com a questão da representatividade negra.</p> <p>Luizete Vicente fala sobre redes sociais e representatividade</p> <p>Narrador: Se você quer ficar ainda mais por dentro dessas importantes pautas voltadas às comunidades negras, que se propõem a fugir de alguns esteriótipos enraizados na sociedade, a gente sugere iniciativas de comunicação muito massas que a gente já acompanha. Entre elas estão o coletivo Ceará Criolo, o site Negrê e o podcast Kilombas. A gente vai deixar os links aqui na descrição do episódio pra facilitar esse acesso.</p> <p>1.1 ADAILDO - INTERNET E REPRESENTATIVIDADE (01:16)</p>
<p>Quarta Parte: finalização</p>	
<p>Desce música da Iza para entrada da finalização.</p>	<p>Narração: Como já estava dando meio-dia, a entrevista acabou e a gente teve que correr para arrumar as coisas, almoçar às carreiras e pegar a estrada de volta pra Fortaleza. E, com isso, a gente encerra, também, a temporada No Acender das Luzes, do Nós Vírgula. Durante a série de episódios, tentamos abordar como a questão da eletrificação modifica o cotidiano de duas comunidades quilombolas localizadas no interior do</p>

Ceará, no município de Tururu. Espero que você, assim como a gente, tenha se encantado com dona Toinha, o Dean, o Manel, a Sandra, a Dona Bibiu e tantos outros que partilharam muito de suas histórias com a gente.

Esse episódio foi produzido e publicado por Rodrigo Rodrigues, Bertany Pascoal e Enilton Junior, estudantes sob orientação do professor Edgard Patrício. A narração é de Rodrigo Rodrigues e os documentos e trilha sonora utilizados estão na descrição do episódio, se você quiser se aprofundar em algum ponto específico. A série de episódios da temporada “No Acender das Luzes” faz parte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social - Jornalismo, pela UFC. Esperamos que vocês tenham gostado!